



Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*
**Mestrado Profissional
em Psicologia**

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Jacqueline Müllich Fensterseifer

**CUIDADORAS DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS:
INTERVENÇÃO E CUIDADOS**

Santa Cruz do Sul
2021

Jacqueline Müllich Fensterseifer

**CUIDADORAS DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS:
INTERVENÇÃO E CUIDADOS**

Trabalho final de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, *Mestrado* Profissional em Psicologia, da Universidade de Santa Cruz do Sul, como requisito parcial para o título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Leni Dias Weigelt
Co-orientador: Prof. Dr. Eduardo Steindorf Saraiva

Santa Cruz do Sul
2021

Jacqueline Müllich Fensterseifer

**CUIDADORAS DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS:
INTERVENÇÃO E CUIDADOS**

Trabalho final de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado Profissional em Psicologia, da Universidade de Santa Cruz do Sul, como requisito parcial para o título de Mestre em Psicologia.

Apresentado e aprovado 17 de dezembro de 2021:

Dra. Leni Dias Weigelt

Professora orientadora – UNISC

Dr. Eduardo Steindorf Saraiva

Professor co-orientador – UNISC

Dra. Lilian Rodrigues da Cruz

Professora examinadora – UFRGS

Dr. Jerto Cardoso da Silva

Professor examinador – UNISC

Santa Cruz do Sul - RS

2021

Na intimidade de cada ser humano, habita o cuidado e a necessidade de cuidados.

(BONICOSKI; FENSTERSEIFER; VIEGAS, 2016)

Com reverência, agradeço a todas as pessoas que, em algum momento de suas vidas, exerceram – e ainda exercem – a ação de cuidar. Afinal... este cuidado é constituinte do ser que nos habita.

RESUMO

O cuidar de bebês não é uma profissão regulamentada que exige formação específica, as cuidadoras não estão vinculadas a uma associação ou conselho profissional. No entanto, para acompanhar o desenvolvimento de uma criança e atendê-la nas suas necessidades, são primordiais, além do afeto, conhecimentos que subsidiem as práticas de cuidados diários. Quando a relação do bebê com sua mãe é interrompida, e ele é acolhido em uma instituição de acolhimento, cabe aos cuidadores desta desempenharem o papel substitutivo ao da família. Neste trabalho objetivo apresentar a realidade vivida por cuidadoras de crianças institucionalizadas em casa de acolhimento em um município no sul do Brasil e refletir sobre as dificuldades e facilidades que se apresentam. Através de pesquisa qualitativa, busquei conhecer o modo como se estabelece a relação desta díade em situações de acolhimento institucional. Foram realizadas entrevistas com onze cuidadoras que atendem crianças de zero a três anos, e, observação participante na instituição pesquisada. Com a observação participante foi possível identificar os momentos que demandam intervenções para a qualificação do processo de trabalho das cuidadoras. Os dados foram organizados e analisados através da análise de conteúdo, especificamente, análise temática conforme Bardin (2016) e originaram três temáticas que são: as facilidades nas rotinas dos cuidados diários, as dificuldades nas rotinas dos cuidados diários, e o tempo reduzido para dedicação à criança. As abordagens teóricas utilizadas foram referenciais das áreas da Saúde, Psicologia Social, Psicanálise e Assistência Social, além da legislação como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e do documento de Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes de Junho de 2009. Nos resultados das entrevistas, detectei que as cuidadoras se sentem satisfeitas com o trabalho desenvolvido, não mencionam dificuldades com a rotina de cuidados, e muitas mencionam que o tempo para a dedicação aos bebês é pouco.

Palavras-chave: Criança institucionalizada. Cuidado da criança. Política pública. Satisfação no trabalho.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	PESQUISA E INTERVENÇÃO.....	11
2.1.1	Da motivação para realizar esta pesquisa	11
2.1.2	A casa de acolhimento e o perfil das cuidadoras.....	13
2.1.3	O percurso metodológico	16
2.1.4	Análise e temáticas	18
2.2	Intervenção.....	20
2.2.1	Intervenção “postal”	22
2.2.2	Intervenção no dia a dia	24
2.2.3	Intervenção através de oficinas de atividades com as cuidadoras	28
3	PRODUTOS TÉCNICOS	31
3.1	Material Didático - Livro Paradidático	32
3.2	Produto de Editoração - E-book.....	33
3.3	Curso de Formação Continuada para Cuidadoras de Bebês.....	34
4	PRODUÇÃO CONFORME NORMAS DA REVISTA	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
	REFERÊNCIAS.....	55
	ANEXOS	
	ANEXO A - Carta de Aceite da Instituição.....	60
	ANEXO B - Parecer consubstanciado do CEP	61
	ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	65
	ANEXO D - Comprovante da Submissão do Artigo para a Revista Ciência & Saúde Coletiva.....	68
	ANEXO E - Atestado de horas na instituição onde a pesquisa foi realizada.....	69
	ANEXO F - Conto Duas Palavras	70
	APÊNDICES	
	APÊNDICE A - Entrevista Semiestruturada.....	78
	APÊNDICE B - Carta para as cuidadoras (12 de agosto de 2020).....	79
	APÊNDICE C - Carta para as cuidadoras (26 de agosto de 2020).....	80

APÊNDICE D - Carta para as cuidadoras (09 de setembro de 2020).....	81
APÊNDICE E - Carta para as cuidadoras (23 de setembro de 2020).....	82
APÊNDICE F - Carta para professores e colegas (12 de agosto de 2020).....	83
APÊNDICE G - Produto Técnico (Material Didático).....	86
APÊNDICE H - Régua de Desenvolvimento.....	87
APÊNDICE I - Produto Técnico (Produto de Editoração).....	88
APÊNDICE J - Produto Técnico (Curso de Formação).....	89

1 INTRODUÇÃO

[...] yo tenia cerca de 2 años y se acercaba la primavera.
 Mi madre me toma en sus brazos y me lleva al fondo de la casa.
 Ella me muestra y me hace sentir el olor de los ciruelos,
 el color de las rosas, la rugosidad de la corteza del árbol y
 después de mostrarme todo eso me dice:
 ves Diana, esto es la primavera.¹
 (Diana Bellessi)

Em seu poema autobiográfico, Diana Bellessi nos mostra que sua mãe, ao lhe apresentar o mundo de uma maneira poética, rítmica e plurissensorial, apresenta-lhe sensações e lhe proporciona experiências que irão compor sua subjetividade. Víctor Guerra (2020, p. 91), ao se referir a esta experiência articulada pela palavra materna, afirma que essa realiza uma “*presentación polisensorial del mundo a través del ritmo y de la palabra*”². Ritmos e palavras que possibilitam experiências únicas, concedendo uma marca indelével, que ocorre em todos nós quando do início de nossa existência. Seja, pelo olhar ou ação de pais ou cuidadoras³. Através da observação do corpo do bebê, pode-se

[...] acompanhar seu ritmo de desenvolvimento e sua constituição psíquicas, uma vez que é no corpo dele que irão aparecer os sinais de um possível sofrimento psíquico – como, por exemplo, atraso no desenvolvimento de determinadas aquisições, doenças de pele, doenças respiratórias e alérgicas, distúrbios alimentares e/ou distúrbios do sono (SCHALCH, 2017, p. 93).

Quando existe a presença de uma mãe ou cuidadora, o bebê iniciará seu desenvolvimento saudável. Omizzollo (2017, p. 17) afirma que o bebê “poderá constituir seu psiquismo e se desenvolver de forma sadia se imersa em ambiente provido de cuidados suficientes e ininterruptos”. Cumpre salientar que na época em que Donald Wood Winnicott exercia sua profissão de pediatra, era comum que os bebês fossem cuidados por suas mães; hodiernamente nem sempre é possível, havendo a delegação do papel de cuidar a outra pessoa, nominada como cuidadora, que irá desempenhar essa função.

¹ “Ela me mostra e me faz sentir o cheiro das ameixeiras, a cor das rosas, a aspereza da casca da árvore e depois de me mostrar tudo isso, me diz: vê Diana, isto é a primavera.”

² “apresentação polissensorial do mundo através do ritmo e da palavra.”

³ O termo cuidadoras está sendo usado no feminino, pois todas as pessoas que desempenhavam os cuidados com os bebês, na instituição onde realizei minha pesquisa, denominam-se mulheres.

O interesse por esta temática de cuidados com bebês em situação de acolhimento institucional surge de minha prática clínica como psicóloga, onde recebo em atendimento no consultório, por mais de dez anos, cuidadoras e bebês que se encontram em situação de acolhimento. Nesta prática, deparo-me com cuidadoras que relatam seus questionamentos e dúvidas sobre como cuidar melhor destes bebês, e assim colaborar de forma saudável com a constituição psíquica destes sujeitos em desenvolvimento. Esses questionamentos estão relacionados aos comportamentos violentos das crianças, às birras, aos mutismos, aos hospitalismos repetitivos, apatias, choros intermináveis sem motivos aparentes, enfim, condutas que desestabilizam as cuidadoras.

Essas questões, que se traduzem em inquietações profissionais das cuidadoras encontram respaldo em pesquisas regionais (ATHAYDE, 2002; LEMOS; SILVA, 2019) que relatam a premência de ações para qualificar estas cuidadoras, como é sugerido pelo documento de *Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes* (BRASIL, 2009), que, em seu item 3.6.3, prevê a formação continuada, aliada à melhoria da qualidade do atendimento institucional, visando ao bem-estar das crianças. Cumpre esclarecer que o referido documento foi elaborado pelo Departamento de Proteção Social Especial (SNAS/MDS), apresentado ao Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) e ao Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) para análise, e aprovado em Assembleia conjunta do CNAS e CONANDA, realizada em 18 de junho de 2009.

Diante desta realidade e aliando uma demanda profissional clínica com a honrosa participação na primeira turma do Mestrado Profissional em Psicologia, da Universidade de Santa Cruz do Sul, desenvolvi esta pesquisa, que foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa da UNISC, e recebeu aprovação e parecer favorável número 3. 796. 940 / 2020, para sua realização, conforme ANEXO B. Para tanto, através de uma pesquisa qualitativa, junto às cuidadoras de bebês institucionalizados com idade de zero a três anos (a opção por bebês de zero a três anos é em decorrência da estrutura física e organizacional de que a instituição pesquisada dispõe, para atender esta demanda de acolhimento), investiguei, e, observei as cuidadoras em seus momentos de cuidados diários, durante março de 2020 até setembro de 2021, com o seguinte questionamento: de que forma pode-se

colaborar com as cuidadoras nos momentos em que desempenham suas atividades profissionais diárias?

Os momentos de cuidados diários escolhidos para comporem minha observação, foram inspirados nas pesquisas de Appell e David (2021). Essas afirmam que “os cuidados propriamente ditos se resumem à alimentação, banho, troca, vestimentas e exames médicos” (APPELL; DAVID, 2021, p. 65). Partindo desta perspectiva, foram observados os momentos de cuidados diários, como o banho, a troca de fraldas e os momentos de alimentação, que as cuidadoras do turno da manhã e da tarde realizavam junto aos bebês.

Conforme Víctora, Knauth e Hassen (2000, p. 136), “uma das principais características dos métodos qualitativos é o fato de que as pesquisas são formuladas para fornecerem uma visão êmica”; entendendo-se por êmico o “conhecimento próprio do indivíduo pertencente a uma cultura determinada, expresso na lógica interna do seu sistema de conhecimento” (VÍCTORA, 2000, p. 136).

Posteriormente à realização de entrevistas semiestruturadas, realizei a observação participante e registrei estes momentos em um diário de campo, possibilitando, assim, o registro desta escuta sensível que privilegia a promoção da saúde e a efetiva construção de um diálogo sobre a realidade. Paralelo a este momento, sempre que solicitada a emitir opinião, foi realizada a intervenção de forma a qualificar os momentos de encontro das cuidadoras com esses bebês. Afinal, esses, além de estarem a serviço do bem-estar físico e psíquico desses, devem ser “marcados por relações afetivas significativas e de qualidade” (LEMOS; SILVA, 2019, p. 173). Para Birman (2011, p. 22), “a dimensão do afeto é situar o sujeito nas dobras reais de seu sofrimento”. Isso permite a compreensão sobre “a complexidade do comportamento humano – individual, grupal e real” (ALBORNOZ, 2006, p. 46), através de um olhar cuja dimensão remete à subjetividade do ser e possibilita aos bebês um “respeito às suas histórias de vida” (WEIGELT; FENSTERSEIFER; CARNEIRO, 2021, p. 165).

Considerando os preceitos estabelecidos no Documento de Orientação Técnica para Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990), em publicações de periódicos científicos, e em referenciais teóricos das áreas da saúde, psicologia social, assistência social e

da psicanálise, ancore minha análise reflexiva. Desse modo, concordo com Campos (2001, p. 99), que afirma ser “o advento da psicanálise é o resgate da escuta”.

Ao conhecer como são os cuidados diários dispensados pelas cuidadoras aos bebês, contextualizo a possibilidade de intervir e transformar esta demanda permanente e premente de encontros que estão a serviço do bem-estar desta díade. Afinal, em sendo assim, proporciona-se o desenvolvimento de competências de forma profilática “com uma implicação subjetiva importante” (CRESPIN, 2016, p. 43), em que o tratamento precoce das dificuldades e distúrbios aumenta as oportunidades de os bebês construir e desenvolverem uma saúde emocional, psíquica e física saudável e autônoma.

2 PESQUISA E INTERVENÇÃO

2.1 Da pesquisa

2.1.1 Da motivação para realizar esta pesquisa

Dos povos, surgiu a História; a partir desta, experiências possibilitaram conquistas, e dessas o homem se vale para crescer, evoluir e se desenvolver. “A história é feita de construção, e a atividade acadêmica e de pesquisa não está incólume a este fenômeno” (AREOSA; FENSTERSEIFER, 2005, p. 206). Adentrar neste universo, permite reformular, reforçar, subverter ou simplesmente construir conceitos que, de forma sutil ou não, permeiam nossa subjetividade.

Ao fazermos isso, estamos nos inscrevendo na história, e, também, permitindo que aqueles que conosco vivem, ou aqueles que de nós dependem, igualmente tenham uma história. Isso, porém, não basta. Necessário se faz que, pouco a pouco, aprendamos a relatar nossa história, pois essa “se co-constrói entre crianças e os adultos” (GOLSE, 2003, p. 101), surgindo, assim, a narratividade como resultado do envolvimento desta díade. É preciso estar atento ao modo como os fatores sociais, culturais, econômicos e políticos se articulam na vida do indivíduo, seja nas questões do mundo externo, seja nas representações internalizadas e carregadas de afeto.

O cuidar de bebês não é uma profissão regulamentada, que exige formação específica, as cuidadoras não estão vinculadas a uma associação ou conselho profissional. No entanto, para acompanhar o desenvolvimento de uma criança e atendê-la nas suas necessidades, são primordiais, além do afeto, conhecimentos que subsidiem as práticas, e o manejo com a criança.

Diante da escassez de estudos nacionais sobre os profissionais na rede de acolhimento institucional infanto-juvenil, a relação com o trabalho nesse contexto torna-se um desafio, uma vez que se carece de conhecimento teórico prático para seu embasamento (ALMEIDA; MORAIS, 2020, p. 277).

Assim, o objetivo principal desta pesquisa foi contribuir para a produção de conhecimento sobre a forma como são dispensados os cuidados aos bebês em situação de acolhimento. O processo de trabalho que está envolvido nesta realidade de serviços de acolhimento “é um campo amplo e pouco explorado” (ALMEIDA;

MORAIS, 2020, p. 288). As contribuições de pesquisas como esta, encontram eco em Lemos e Silva (2019, p. 188), que afirmam ser necessário “continuar pensando e refletindo nesses encontros que acontecem nas instituições de acolhimento, para que estes sejam marcados por relações afetivas significativas e de qualidade”. Ao se concordar com os resultados da pesquisa referida acima, urge apontar para a necessidade de encontrar soluções práticas. Através da pesquisa intervenção, pôde-se atender as demandas das cuidadoras de bebês em situação de acolhimento na casa de acolhimento da cidade de Santa Cruz do Sul.

Bonifacino (2014), citando Laplanche, afirma que o bebê necessita do outro para organizar seu estado de desamparo. Assim, quando por algum motivo, a relação que o bebê estabelecia com a sua mãe vem a ser interrompida, sendo acolhido em uma instituição pública, cabe para as cuidadoras deste local, desempenhar esse papel de maneira substitutiva ao da família, assumindo os cuidados dos bebês. Estas cuidadoras são de suma importância para o crescimento saudável psíquico e físico. Uma das características do ser humano é a capacidade de expressar seus sentimentos e exercer sobre eles um controle e até um aprendizado. Isto desperta no homem, enquanto ser pensante, o devir, que denota movimento e potencialidade. Movimento este que se verifica ao ouvir os questionamentos das cuidadoras sobre suas condutas e sobre os comportamentos das crianças que são cuidadas por elas. Dutra *et al.* (2006), quando problematizam o trabalho do psicólogo nos serviços de saúde, concordam com Leite (1997) que afirma existir a necessidade de resgatar o existir enquanto processo nos contextos institucionais, de modo que os discursos dos sujeitos ganhem espaço, expressão, e sejam reconhecidos dentro dos serviços. Para Weigelt (2001), necessário se faz que a população, que nem sempre é consultada sobre suas reais necessidades, seja convocada a uma participação mais efetiva e dinâmica. A potencialidade das cuidadoras, em desejar uma melhora nos cuidados dispensados, nos faz crer que existe uma demanda legítima nesta pesquisa.

Diante do exposto, considerando os questionamentos/queixas das cuidadoras sobre comportamentos bizarros dos bebês que estão sob seus cuidados, aliado às minhas inquietações enquanto psicóloga que recebe em atendimento psicoterápico a ambos, objetivei caracterizar as relações desta díade; descrever a rotina dos cuidados diários das cuidadoras; mapear as principais dificuldades e facilidades das

cuidadoras na prática diária com os bebês; orientar as práticas das cuidadoras através da realização de momentos de intervenção e produzir material paradidático.

Aliado a estas motivações, cumpre acrescentar minha participação no Grupo de Pesquisas em Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul (GEPS – UNISC). Neste grupo de pesquisa, estive envolvida com a pesquisa intitulada “Pessoas com deficiência e suas famílias em contexto rural: os itinerários terapêuticos e as políticas públicas”. A motivação para minha participação neste grupo de pesquisa, é oriunda de minhas experiências como equoterapeuta junto de crianças com deficiência, atividade que desenvolvi durante doze anos na APAE de Santa Cruz do Sul. Poder revisitar a realidade das pessoas com deficiência, através de leituras, grupos de estudo e reuniões mensais, permitiu que minha trajetória de produções escritas fosse acrescida da publicação de dois capítulos em dois e-books publicados pela EDIPUCRS – 2021, e EDUNISC – 2021.

2.1.2 A casa de acolhimento e o perfil das cuidadoras

As casas de acolhimento devem ser um espaço onde a qualidade do vínculo entre o profissional e a criança se faça presente desde o momento da chegada dessa às mesmas. Para França (2012, p. 216-217), “uma das tarefas fundamentais no âmbito da entidade de acolhimento, senão [sic] a mais fundamental delas, é a de possibilitar o estabelecimento desse vínculo que permitirá à criança aumentar sua resiliência”.

No *Documento de Orientação Técnica para Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes*, está escrito que este “tem por objetivo estabelecer orientações metodológicas e parâmetros para o funcionamento das entidades que ofereçam acolhimento a crianças e adolescentes, de modo a cumprir os preceitos estabelecidos pelo ECA” (MACHADO, 2021, p. 67), que são os preceitos de proteção dos sujeitos de direito. Seguindo a esteira de Machado lemos que os serviços de acolhimento devem estar embasados nos princípios da provisoriedade, da preservação e fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, da excepcionalidade, e do respeito à autonomia da criança, dentre outros. O documento destaca, ainda, a importância de uma infraestrutura física adequada ao desenvolvimento dos bebês, crianças e adolescentes acolhidos, além de haver neste espaço um ambiente acolhedor que facilite o desenvolvimento psicossocial

dos mesmos. Este documento é um avanço em relação à legislação que existia anteriormente, afinal determina diferentes modalidades de serviços a serem ofertados, a saber: abrigos institucionais, casas lares, famílias acolhedoras, e repúblicas.

Em uma conversa informal, realizada nas dependências da Associação Comunitária Pró-Amparo ao Menor, com a Supervisora Técnica, obtive os seguintes dados sobre a constituição da casa de acolhimento onde foi desenvolvida minha pesquisa:

- esta instituição constituiu-se a partir da união de esforços de pessoas que compunham o comissariado de menores desta cidade, clubes de serviços deste município, que juntamente com segmentos da comunidade local, viram a necessidade de haver um espaço para receber crianças e adolescentes que se encontravam em situações de abandono, negligência e maus-tratos;
- o funcionamento desta instituição é sob o regime de abrigo, sendo mantido financeiramente por associados, doações da comunidade, de outros países bem como de parcerias com as prefeituras da região, e atualmente obtém recursos financeiros que provêm da padaria da instituição;
- a estrutura física é composta por três casas que são distribuídas em: um berçário que recebe crianças de zero a três anos, podendo receber até doze crianças; a partir da idade de três anos, as crianças são “transferidas” para outra casa, também com capacidade para doze menores; a outra edificação está organizada em duas partes, sendo que de um lado são acomodados os meninos e de outro lado, as meninas de oito a doze anos de idade;
- a instituição dispõe também de uma quadra de esportes coberta e um gramado para brincadeiras ao ar livre, e uma cabana de convivência, onde acontecem as visitas das famílias e os momentos de integração das crianças e também dos técnicos;
- por fim, cumpre salientar que os encaminhamentos são sempre realizados pelo Conselho Tutelar em colaboração com o Juizado da Infância e da Juventude, mediante determinação judicial, prevista pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), como medida protetiva. Após a chegada à instituição, as crianças e, ou adolescentes, são recebidos e acompanhados pelos técnicos da casa no processo de acolhimento. As crianças e adolescentes, também são encaminhados para realizarem vacinas caso

necessitem, atendimento médico, odontológico, psicológico, fonoaudiológico, entre outros serviços oferecidos pela rede municipal de saúde ou profissionais voluntários.

Quando um bebê chega a uma casa de acolhimento, ocorre um misto de sentimentos, que são traduzidos em fantasias, curiosidades, desejos e até expectativas, seja por parte das cuidadoras e/ou por parte inconsciente dos bebês acolhidos. A constituição indelével deste momento, contribui para a construção de novas subjetivações; afinal, são bebês que já sofreram privações e violências que por sua vez, já deixaram marcas em suas vidas. Molina afirma que “uma criança se sente cuidada quando conta com adultos disponíveis e com condições subjetivas para lhe sustentar referências de identificação, de sexuação e de filiação” (MOLINA, 2008, p. 65).

Em 1990, Bowlby (1990, p. 1), refere que Freud explorou “de modo sistemático a ligação entre acontecimentos dos primeiros anos de vida e a estrutura da personalidade”. Já em 1995, Bowlby (1995, p. 13) afirma que a “qualidade dos cuidados parentais que uma criança recebe em seus primeiros anos de vida é de importância vital para a sua saúde mental futura”. Ambas as afirmações de Bowlby corroboram que o modo pelo qual estes cuidados são desempenhados, determinam, em grau considerável, a saúde mental da criança. Por concordar com Bowlby (1990, 1995), detive-me, nesta pesquisa, na pessoa da cuidadora dos bebês em situação de acolhimento, e nas atividades de cuidados que ela realiza com os bebês. Afinal, são essas cuidadoras, os adultos que através de suas ações, “formam uma pele protetora, contingente, que conseguem dar proteção, segurança” (CELIA, 2002, p. 496) e, conseqüentemente, um envelopamento narrativo e afetivo no início da vida dos bebês.

O critério seletivo das cuidadoras foi estarem trabalhando na instituição de acolhimento na casa que acolhe e recebe os bebês (crianças de zero a três anos de idade). Assim, participaram desta pesquisa, através da entrevista semiestruturada, 11 cuidadoras, todas mulheres. Quanto ao seu perfil no que tange à sua idade, obteve-se a informação de que seis cuidadoras possuem entre 24 e 38 anos; quatro cuidadoras possuem entre 40 e 55 anos, e uma cuidadora tem 63 anos. A escolaridade das cuidadoras é diversificada: quatro possuem ensino médio; duas têm cursos técnicos, e cinco, ensino superior. Com relação ao tempo de trabalho na instituição, sete cuidadoras estão trabalhando na casa há menos de três anos; uma

cuidadora está na instituição há sete anos e, por fim, três cuidadoras trabalham há 20 anos na instituição.

2.1.3 O percurso metodológico

O delineamento qualitativo é o que caracteriza esta pesquisa, uma vez que visa ao aprofundamento de um objeto de estudo, sem a pretensão de generalizar os dados, mas sim conhecer em profundidade a realidade pesquisada. Para Mascarenhas (2012), trata-se ainda de um estudo exploratório, pois visa aproximar o pesquisador do tema proposto. Especificamente, o estudo visa caracterizar o modo como se estabelece a relação da díade cuidadora-bebê, em situações de acolhimento institucional.

O projeto desta pesquisa, após ter sido apresentado à instituição de acolhimento de nossa cidade e ter obtido a autorização para sua execução, (ANEXO A), foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da UNISC, recebeu aprovação e parecer favorável para sua realização, (ANEXO B), observando os preceitos éticos preconizados nas Resoluções 466/2012 (BRASIL, 2012) e 510/2016 (BRASIL, 2016). Após esta aprovação, a pesquisadora foi apresentada às cuidadoras da casa de acolhimento para que, assim, pudessem ler e conceder, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXO C), sua concordância em realizar as entrevistas, para posteriormente circular nas dependências da mesma de forma a poder realizar sua pesquisa.

As participantes desta pesquisa, foram as cuidadoras dos bebês da casa de acolhimento que trabalham no turno da manhã, da tarde e da noite e são em número de onze pessoas: três de manhã, três de tarde e cinco de noite; essa informação foi obtida durante a conversa informal, realizada no dia 17 de outubro de 2019, nas dependências da Associação Comunitária Pró-Amparo ao Menor, com a Supervisora Técnica; o turno da noite, com cinco cuidadoras, devido a sua rotina diferenciada, não participou do momento de observação, apenas das entrevistas. Todas as cuidadoras receberam e leram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, e concederam sua anuência para participar da pesquisa. Estes documentos foram assinados em duas vias, sendo que uma ficou com a cuidadora e outra com a pesquisadora. Nesse TCLE, estão explicitados os objetivos da pesquisa, a

responsabilidade da pesquisadora com as informações obtidas, a possibilidade e o direito das cuidadoras de desistirem de sua participação durante qualquer momento do período da coleta de dados, e o fornecimento da identificação da pesquisadora, bem como o meio de contatá-la para esclarecimento de dúvidas que possam surgir durante este percurso. Todas as informações obtidas através das entrevistas que foram realizadas com as cuidadoras, permanecerão na confidencialidade da pesquisadora. O nome das cuidadoras foi modificado para: Cuidadora 1, Cuidadora 2, Cuidadora 3, Cuidadora 4, Cuidadora 5, Cuidadora 6, Cuidadora 7, Cuidadora 8, Cuidadora 9, Cuidadora 10 e Cuidadora 11.

A escolha por realizar entrevistas semiestruturadas, cujo modelo se encontra no APÊNDICE A, foi motivada pelo fato destas possibilitarem um aprofundamento da rotina das cuidadoras e do desempenho de suas atividades junto aos bebês. O princípio norteador destas questões foi o momento da troca de fralda, o momento de alimentação e o momento do banho, acrescido de questões emergentes sobre a identificação das cuidadoras. Cumpre lembrar, a partir do postulado de Minayo, que o roteiro deste tipo de entrevista permite “desdobrar os vários indicadores considerados essenciais e suficientes em tópicos que contemplem a abrangência das informações esperadas” (MINAYO, 2014, p. 191).

As questões norteadoras das entrevistas foram elaboradas previamente e realizadas por telefone, pois estávamos no início da pandemia do covid-19 que assolou o mundo inteiro e impediu a todos de desempenharem seus compromissos de trabalho, lazer, entre outros, de forma habitual. Desse modo, combinei com as cuidadoras um melhor horário para conversarmos. Todas optaram por horários em que já se encontravam em seus domicílios. Após uma saudação cordial, sempre perguntei se poderia gravar em áudio nossa conversa, para evitar, assim, de perder alguma resposta. Ao que todas concordaram.

A observação participante é um processo através do qual a presença do observador no cenário cultural em que está inserida a pesquisa, lhe concede a possibilidade de ser considerado como parte “do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto” (MINAYO, 2014, p. 274). Foi realizada uma imersão de 45 dias não consecutivos, compreendidos entre março de 2020 e agosto de 2021, na instituição pesquisada, acompanhando o processo de trabalho das cuidadoras. Esse acompanhamento consistia especificamente em observar os momentos de troca de fraldas, o momento do

banho e o momento da alimentação. Pretendeu-se, assim, realizar uma pesquisa qualitativa com ênfase na observação participante. Haguette (2010), p. 64) afirma que a:

[...] observação participante se resume a uma importante técnica de coleta de dados, empreendida em situações dos registros das narrativas observadas pois, a observação participante é considerada por Schwartz e Schwartz como um instrumento de modificação do meio pesquisado.

Utilizou-se o diário de campo para registrar os dados obtidos através da observação participante. Minayo *et al.* (1994, p. 59) afirmam que a “técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”. Estes registros ofereceram materiais ricos de percepções, sensações e inquietações que contribuíram para uma melhor análise do objeto estudado. As anotações do diário de campo foram compostas pelas observações realizadas nos momentos de troca de fraldas, de alimentação, e nos momentos de banho dos bebês.

Passos e Barros (2009, p. 150) afirmam que “no trabalho da pesquisa e da clínica, de alguma forma, é sempre de narrativas que tratamos”. Narrativas que possibilitam uma produção de conhecimento, e este irá acarretar uma posição política que, através do discurso, pode modificar a realidade. No instante que adotamos e assumimos o papel de pesquisadora e estamos inseridos na comunidade que é alvo de nossa pesquisa, já estamos produzindo alguns deslocamentos discursivos.

2.1.4 Análise e temáticas

Para a análise das entrevistas, as mesmas foram digitadas, e dessas surgiu um texto, que me mostrou resultados os quais foram relacionados com os registros do diário de campo e a partir de repetidas leituras foi desenvolvida a análise do conteúdo (BARDIN, 2016), seguindo as fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação. Nesta última fase, foram descobertos os núcleos de sentido, temáticas cuja presença e frequência deram significado aos objetivos do estudo. “Fazer uma análise temática consiste em descobrir “os núcleos

de sentido” que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 2016, p. 135). Foram, então, elencadas três temáticas: a primeira temática, refere as experiências no desenvolvimento das rotinas de cuidados; a segunda temática refere a existência de facilidades e dificuldades com a rotina de cuidados; e a terceira temática diz respeito ao tempo reduzido para dedicação à criança.

Na primeira temática, que refere as experiências no desenvolvimento das rotinas de cuidados, é importante referir que o afeto é “um dos estados emocionais, cujo conjunto constitui a gama de todos os sentimentos humanos” (CHEMAMA, 1995, p. 10). Assim, ao se pensar sobre a satisfação em desenvolver um trabalho, em desempenhar cuidados rotineiros, há que se sinalizar para a importância do afeto que irá sustentar o bebê minimamente, proporcionando condições de ser compreendido e subjetivado. Afinal as experiências deixam registros na memória e marcas subjetivas que concedem recursos emocionais e competências para estar diante do desafio da rotina de cuidados de bebês em situação de acolhimento.

Percebe-se que a “formação de vínculo e apego é uma constante no processo de interação entre as cuidadoras” (GABATZ, 2018, p. 2810) e os bebês em situação de acolhimento, revelando diferentes formas de manifestação de afeto entre a díade. A importância do afeto é apontada pela Cuidadora 8, quando esta afirma o seguinte: “[...] *para mim é uma facilidade se relacionar com elas. Eles vêm, às vezes tu vês que eles tão bem mal, assim, tão chorando, daí tu vai e eles vêm dando amor, carinho, logo eles tão bem, então isso também é uma facilidade né!*”. Golse (2003, p. 123) considera que as emoções e os afetos são co-construídos “no seio da díade e é o partilhar dos afetos que vai permitir ao bebê instaurar sua vida afetiva e emocional pessoal”.

Da mesma maneira, a Cuidadora 2 verbaliza: “[...] *eu tenho uma facilidade assim de que quando eu tenho que ser firme eu sou firme, quando eu tenho que dar amor e carinho, eu dou...*”. Aqui, vê-se evidenciado que a cuidadora exerce uma atitude de acolhimento às tristezas e concede “sustentação e continência para garantir o vir a ser” (OMIZZOLLO, 2018, p. 111) desta criança. Destarte, vemos corroborado o pensamento de Santos, Mishima e Merhy (2018, p. 869), que afirmam que:

[...] os laços de afeto e amizade constroem o vínculo entre trabalhadores e usuários, dando vazão a um clima de intimidades que estreita as relações, tornando-as mais horizontais, abrindo-se às redes vivas de produção de existência.

Na segunda temática, que refere a existência de facilidades e dificuldades com a rotina de cuidados, as cuidadoras referem existir pouca ou nenhuma dificuldade com a rotina de cuidados, cumpre lembrar Trivellato, Carvalho e Vectore (2013, p. 304), que, citando Malaguzzi, sustentam a importância de que “o trabalho junto à criança deve possibilitar o sentimento de prazer na realização de atividades”. Segundo estudo realizado por Cavalcante e Corrêa (2012, p. 506), “70% das cuidadoras informaram não ter experimentado nenhum tipo de dificuldade” quando de suas atividades nas rotinas de cuidados de crianças institucionalizadas. A Cuidadora 7 corrobora esta categoria quando afirma que: *“não tenho dificuldades”*. Também a Cuidadora 5 verbaliza que:

Para mim eu não vejo dificuldade nenhuma, sabe? Não é difícil. Não tenho dificuldade nenhuma. É um prazer chegar, trabalhar, eu não saio de lá chateada, eu saio de lá super bem. É um trabalho que me faz bem, sabe? Eu vou para casa super bem. Estar lá dentro trabalhando eu gosto (Cuidadora 5).

Na terceira temática elencada, que diz respeito ao tempo reduzido para dedicação às crianças, algumas cuidadoras referem que o tempo para estar com as crianças é restrito, uma vez que este espaço de convivência possui diversas rotinas que devem ser seguidas, e estas se mostram complexas de serem administradas. E “é a partir da disponibilidade de cada cuidador para sustentar a história e as dores das experiências iniciais de cada criança que se possibilita” (OMIZZOLLO, 2018, p. 113) o desenvolvimento saudável e harmonioso da mesma. Esta disponibilidade exige uma dedicação exclusiva à criança. As Cuidadoras 1, 2 e 9 referem, respectivamente: *“éramos entre duas e agora aumentou uma e daí tem mais tempo”*; *“não dá tempo de a gente ficar um pouco com eles... a gente fica um pouco com eles”*, e *“tu atende bem aquele que tá ali, mas, ao mesmo tempo, tu sabes que o outro precisa da tua ajuda”*. Assim, percebo que há um desejo nas cuidadoras de estarem mais com essas crianças. Sabedoras de seu compromisso com a rotina técnica, estão, porém, impossibilitadas de se fazerem mais presentes.

2.2 Intervenção

Fica a pergunta: o que é, afinal, intervenção? Ao tentar respondê-la, lembro-me das aulas de Seminários de Intervenção III. Na primeira aula, ouvi que “uma pesquisa nasce de algo que nos incomoda e por ser assim, nos convoca a pensar sobre⁴”. Realmente, minha pesquisa é originária de questionamentos profissionais meus, que encontraram a possibilidade de serem respondidos, através de minha frequência e participação no Mestrado Profissional em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul.

Durante essas aulas, estudamos Negret, que afirma ser a intervenção, a possibilidade de “atuar com coerência na busca de uma transformação da sociedade” (NEGRET, 2008, p. 219). Esta transformação pode se concretizar de várias maneiras.

Em minha pesquisa-intervenção, este processo foi dinâmico e criativo. Devido a uma crise sanitária que assolou nosso país, vali-me de vários recursos lúdicos e pedagógicos. Afinal a imposição do isolamento social, causado pela crise sanitária, ainda vigente, convocou os mais diversos setores da sociedade a repensarem e reinventarem suas formas de trabalho. Diante da necessidade de controlar a disseminação de um vírus que tem como característica principal, sua alta propagação e facilidade de contaminação, a primeira forma de intervenção foi a escrita de cartas para as cuidadoras, que aqui denominei de *intervenção “postal”*. Essa ocorreu, pois não pude ingressar em meu campo de pesquisa devido à imposição inicial da bandeira preta que previa a necessidade de isolamento social, e, posteriormente em função da bandeira vermelha que ainda determinava um cuidado sanitário, com risco de contágio considerável. A imposição dessas restrições de locomoção foi determinada pelos órgãos de saúde de nosso município.

A seguir, com as vacinas já disponibilizadas e a incidência da manifestação do vírus estar mais controlada, pude ingressar e realizar a observação participante em meu local de pesquisa. Para este momento, utilizei o recurso da escrita de minhas observações em um “diário de campo”. Mendes *et al.* (2016, p. 1743) afirmam que:

A escrita num diário de campo é uma escrita verdadeira, um documento que contém o que foi vivido, o que foi percebido do que foi vivido, com suas

⁴ Informação oral concedida pela professora da disciplina, Silvia Virginia Coutinho Areosa, no dia 16 de outubro de 2020, durante aula on-line.

contradições, dúvidas, conflitos, alegrias, o que tocou e atravessou da experiência no campo, na pesquisa.

Durante estes momentos de observação, surgiram possibilidades de intervenção, as quais estão descritas no item denominado *intervenção no dia a dia*. Foram inúmeros os momentos registrados no diário de campo. Essa ferramenta me possibilitou refletir sobre minhas vivências enquanto pesquisadora.

Dentre as características dos Mestrados Profissionais, temos a obrigatoriedade de proporcionar/promover a qualificação dos participantes da pesquisa em que estamos inseridos. Assim, através da qualificação das cuidadoras que compõem minha pesquisa, propus oficinas de atividades, cuja abrangência gera uma “ação política e social” (LOPES *et al.*, 2011, p. 284), e a utilização desta “atividade possibilita o aprendizado e o reconhecimento de necessidades do sujeito e o desenvolvimento de sua capacidade para buscar soluções próprias e criativas” (LOPES *et al.*, 2011, p. 282). Este item, denominei *intervenção através de oficinas de atividades com as cuidadoras*.

2.2.1 Intervenção “postal”

Esta modalidade de intervenção, surgiu de minha participação como mestranda da Linha de Pesquisa I – Práticas Clínicas Contemporâneas, nas disciplinas de Seminário de Intervenção I, II e III, previstas na grade curricular do Mestrado Profissional em Psicologia. Nessas, havia tarefas a serem executadas; essas consistiam em elaborar e apresentar material sobre as possibilidades da intervenção como tecnologia social e o produto técnico a ser executado. A tecnologia social é um meio de inclusão que vem para agregar conhecimento, produzir uma transformação social e assim ser possível seu repasse para a comunidade através do produto técnico.

Em torno do significado de intervenção dentro da perspectiva teórica utilizada, e articulada com as cuidadoras envolvidas na pesquisa, escrevi cartas. Valendo-me da criatividade e ousadia, ataviei-me as consignas recebidas. Assim, parti da premissa de que a intervenção é uma experiência e um processo subjetivo e

singular, e ingressei nesta travessia como *Gradiva*⁵ que avança, apesar de sentimentos conflitantes e dicotômicos; afinal, *o tempo da intervenção ativa em nós e na instituição pesquisada, um processo de subjetivação que necessita da narrativa para acontecer*⁶.

A escrita criativa foi uma opção. Foram enviadas cartas para as cuidadoras e também aos professores e colegas das disciplinas. As atividades de pintura estavam relacionadas aos momentos de cuidados diários desempenhados pelas cuidadoras junto aos bebês em situação de acolhimento como de troca de fralda (APÊNDICE B), banho (APÊNDICE C), alimentação (APÊNDICE D) e palavras cruzadas (APÊNDICE E). Essas cartas, direcionadas nominalmente a cada uma das cuidadoras que participaram das entrevistas, foram entregues na portaria da instituição onde realizei a pesquisa. Aos professores e colegas também foram enviadas cartas (APÊNDICE F) pelo correio; nelas estava contido todo o foco de minha pesquisa aliado ao conteúdo proposto pela disciplina.

“Escrever cartas é amadurecer pensamentos” (BERNARDES *et al.*, 2014, p. 43) e é uma ação narrativa milenar desempenhada somente pelo humano, que resulta no envolvimento de uma díade. Dolto (2002), quando afirma que tudo é linguagem, quis dizer que não há apenas a linguagem das palavras, do corpo, dos atos e gestos; há a linguagem escrita! Fensterseifer (2008), citando Víctor Guerra, afirma que a narrativa e a escrita permitem uma relação de continuidade, cuja função de ligação “nos proporciona um caminho psicológico para ajustar a vida à realidade de *chronos*” (STERN, 2007, p. 29), e assim permitir a sensação de continuidade da vida. Conforme o relato da Cuidadora 4, “*foi estranho receber uma carta, mas depois ficava feliz cada vez que a secretária vinha com as cartas nas mãos para nós, era uma sensação de que alguém estava nos abraçando*” (informação contida no diário de campo).

⁵ O artigo freudiano “*Delírios e sonhos na ‘Gradiva’ de Jensen*”, trata de uma investigação psicanalítica sobre a obra literária de Wilhelm Jensen, que utiliza uma analogia entre o soterramento e a escavação de Pompéia [sic] e os fenômenos psíquicos da repressão e do “desaterro” pela investigação psicanalítica (KAHTUNI; SANCHES, 2009, p. 181). *Gradiva*: palavra de origem latina que significa aquela que avança.

⁶ Informação fornecida pela professora Edna Linhares Garcia, durante a aula on-line do dia 24 de abril de 2020, na disciplina de Seminário de Intervenção I.

2.2.2 Intervenção no dia a dia

A possibilidade de registrar as observações em um caderno denominado academicamente de diário de campo, me permitem, hoje, reforçar a importância e a excelência deste tipo de pesquisa. “O diário é, pois, uma ferramenta de intervenção que tem o potencial de produzir um momento de reflexão da própria prática” (MENDES *et al.*, 2016, p. 1742); exatamente por assim pensar, passo a descrever alguns dos muitos momentos que ocorreram durante o período de 90 horas distribuídas em 45 dias, não consecutivos, de observação participante durante minha estada no local de pesquisa. Além de optar por transcrever apenas três momentos, que dispensam explicações pois estão relacionados com os itens de minha pesquisa, descrevo, neste item, a rotina observada no turno da manhã e no turno da tarde.

EXCERTO de meu diário de campo do dia 04 de fevereiro de 2021: uma intervenção no momento da troca de fraldas.

*“Neste tempo o bebê se vira e alcança o pacote com os lenços úmidos e os pega, ao que a cuidadora diz que isso não é de brincar, e oferece um boneco de pano que está em uma prateleira acima deles e o bebê o pega e o agita sobre ele. **Observo e comento em voz alta, que percebo que neste trocador, não existem móveis, isto me alegra, manifesto em voz alta minha satisfação. Ao que ela me olha e pergunta por que eu considero a não necessidade deste objeto neste espaço, afinal os bebês se entretêm enquanto elas podem trocá-los tranquilos. Afirmo que neste momento de troca de fralda não é necessária uma distração fora da díade que está protagonizando este momento de cuidado. E que quando ela consegue verbalizar, falar, ao bebê as ações que ela tomará em relação ao movimento seguinte, isso possibilitará ao bebê uma confiança na cuidadora, confiança esta que será traduzida bem mais adiante, quando ela solicitar que ele a espere e ele assim conseguirá fazer. Afinal, o modo, a maneira como tu enquanto cuidadora do bebê age/procede com este cuidado que é a troca de fraldas vai estar construindo uma relação de confiança e respeito. Assim, a única distração que deve ter é a tua voz dirigida a ele, seja bebê pequeno ou maior, eles entendem e colaboram conosco quando os respeitamos e permitimos que eles se manifestem. Ao que ela disse que não sabia de nada***

*disso, mas que sentia que quando ela tinha tempo para trocar a fralda ou dar banho eles eram mais queridos. **Ao que eu reforcei: mais participativos neste momento de cuidados, que por ser físico reflete diretamente no psiquismo destes seres em construção.** E para meu encantamento, o bebê está virado para mim, como que olhando e absorvendo nosso diálogo. A cuidadora olha para ele e diz: viu só, mais uma coisa que eu aprendi hoje, mas vamos colocar nosso calção para poder ir fazer o lanche que hoje vamos passear um pouco. Assim ela faz, antes, porém de se dirigir até a sala do lanche, ela penteia o cabelo dele e coloca os óculos.”*

EXCERTO de meu diário de campo do dia 24 de fevereiro de 2021: uma explicação sobre o choro quando das despedidas.

*“...continuou comendo com a mão, e a cuidadora não insistiu com ele e se voltou para mim e disse: **eu quero te fazer uma pergunta. Ao que eu disse sim, pode fazer, se eu souber responder, eu respondo. Então ela disse: “a gente tá com uma dificuldade com a bebê S. Cada vez que ela deve ir para a visita da mãe e às vezes da avó, ela chora muito.”** Ao que eu pedi que ela explicasse mais. “assim Jacqueline, ela chora muito e eu fico pensando que ela nem gosta da visita. Tu sabes que quem leva as crianças na visita é a Fulana, ou a Cicrana ou a psicóloga nova. Nós não ficamos lá, a gente nem sabe quem são os pais.” Ao que eu disse, que isso era muito bom, afinal os pais biológicos das crianças nem devem saber quem são as cuidadoras, para evitar incômodos futuros. “Então, prosseguiu a cuidadora, quando alguém vem buscá-la, ela se agarra na gente e não quer ir. Sai de nosso colo aos prantos e quando volta, volta feliz. Na visita, ela fica muito chorosa. Evita de brincar com a mãe, pelo que a psicóloga nos conta, a mãe também não interage com a filha, não brinca nem conversa muito, pega ela no colo e a psicóloga que tenta mostrar um pouco de como a mãe pode brincar com a filha, dos progressos que a filha apresenta a cada dia que passa; a avó quando vem junto é a mesma coisa, por vezes a gente pensa que eles vêm mais por obrigação e não porque gostam da bebê S. Mas o que mais nos incomoda é o choro muito grande dela quando deve ir para a visita.” Perguntei se eles conversam com a bebê S, que agora é hora dela ir ver a mãe ou a avó. Ao que elas disseram que dizem que tem que ir com a psicóloga ou com a Fulana e pronto. Bem, disse eu: como vocês têm uma psicóloga na instituição, é adequado vocês levarem esta dúvida para ela e*

ver a orientação dela sobre este momento que certamente está causando muito sofrimento para a bebê S. A cuidadora que estava me ouvindo, diz que isso já foi falado e que nada melhorou, por isso elas duas haviam conversado entre si e queriam minha ajuda pois sabem que eu estava estudando bem específico sobre os bebês e quem sabe poderia ajudar. Ao que eu disse que sim, que em primeiro lugar deveríamos conversar com a Fulana para ver detalhes desta criança, que provavelmente nós estaríamos fazendo-a lembrar de alguma situação triste, traumática de sua vida e por isso ela sempre chorava. Disse ainda: está faltando vocês dizerem/verbalizarem para ela que ela vai e volta, que a visita é importante neste momento e que vocês estarão aqui para recebê-la de volta. E a mesma cuidadora que diz isso e a entrega, ela chorando ou não, para quem vier buscá-la, deve recebê-la de volta. Isso irá, aos poucos conceder uma confiança nas palavras de vocês; uma confiabilidade que ela neste momento não tem em vocês, por isso a necessidade de falar quando ela for na visita e estar disponível na hora que ela voltar. Pensem... há quanto tempo ela está aqui, e quanto tempo ela já esteve na casa dela e teve que sair. O choro é previsível e compreensível. E nós não podemos obrigar ela a não chorar, ela deve chorar, o choro dela neste momento nos mostra que ela não está feliz, não está tranquila com esta visita; e nós adultos que estamos ao lado dela, devemos traduzir este choro dela, assegurando que ela pode ir, que nós estaremos aqui quando ela voltar. Certamente não será de um dia para o outro que ela vai parar de chorar, será uma construção de confiança que vocês farão. E... vamos mostrar ao universo que estamos com esta preocupação, quem sabe em breve poderemos saber mais o que fazer. Ao que a cuidadora agradeceu e disse que pensa mais ou menos assim como eu, mas que estava esperando uma orientação das técnicas, e que concorda comigo e vai fazer assim, quando a bebê S tiver visitas.”

EXCERTO de meu diário de campo do dia 03 de maio de 2021: uma constatação sobre o respeito ao desejo de não tomar água:

*“De repente ouço um arroteo bem fraquinho, penso ser proporcional ao tamanho de um bebê de poucas semanas. Continuo com ele no colo. **As crianças terminam suas frutas, lhes é oferecido água, somente a bebê S aceita, a bebê M faz que não com a cabeça, e não é obrigada a beber (vejo este respeito com o não***

querer beber da criança, como muito salutar e verbalizo este meu pensamento para a cuidadora que está organizando este momento). Assim, elas também terminam de fazer o lanche, são limpadas as mãos e descidas da cadeira e colocadas na sala de brincar onde a outra cuidadora já está com as outras crianças.”

EXCERTO de várias escritas de meu diário de campo que me permitiram descrever a rotina das cuidadoras em seu desempenho dos cuidados com os bebês.

Turno da manhã:

As cuidadoras ao chegarem na casa dos bebês pela manhã, deixam seus pertences em um armário, colocam seu avental e se dirigem até o balcão da cozinha para lerem o caderno com registros de ocorrências havidas no turno precedente. Após elas iniciam a atender (aqui vi elas conversarem com os bebês, os levando para trocar a fralda, tirar o pijama, lavar o rosto, pentear os cabelos) os bebês menores e a providenciar o café para as crianças pequenas. Depois se dirigem ao quarto para acordar os bebês maiores, trocar seus pijamas por roupas de estar em casa e oferecer o café da manhã a estes. Em torno das nove horas e trinta minutos, às vezes antes e por vezes depois, iniciam os banhos dos bebês menores de um ano; as outras crianças ficam na sala de brinquedos, em pouquíssimos momentos a televisão estava ligada (o que me deixou muito feliz). Quando tem tempo bom, com sol, sem chuva, eles permanecem na área coberta contígua a sala de brinquedos, sempre com o olhar atento das cuidadoras, o espaço é aberto, com grandes janelas internas e permite este “estar atento”. Em torno dos quinze minutos para as onze horas, uma das cuidadoras se dirige à cozinha para buscar o almoço. Os primeiros a receber o almoço são os bebês menores de um ano, quando uma criança maior está, ou manifesta muita fome, as cuidadoras conseguem ser flexíveis e fornecer o almoço antes para este bebê; e depois os bebês maiores de um ano são alimentados. A seguir, aqueles que já almoçaram, são trocados, lavadas as mãos, e colocados em seus berços para dormir. As cuidadoras, neste momento, também almoçam, organizam a limpeza da cozinha e escrevem nos cadernos os episódios ocorridos pela manhã com os bebês. Também neste momento as roupas usadas pelos bebês são postas para lavar, ou estendidas no varal, ou ainda recolhidas quando estão secas e postas em uma tulha para serem dobradas pelas cuidadoras da noite. E em torno das

treze horas termina mais um turno de trabalho das mesmas e entra a outra dupla que fará o turno da tarde.

Turno da tarde:

Ao chegarem, elas também deixam seus pertences no armário designado para isso, e leem o caderno para saber o que está se passando com cada bebê. Enquanto uma realiza a leitura, por vezes em voz alta para a outra ouvir também, a que está sem realizar a leitura vai preparando o chá, ou o suco que será servido no lanche da tarde. A seguir elas se dirigem ao quarto dos bebês e aqueles que já estão acordados vão sendo retirados de suas camas para trocarem as fraldas e fazerem o primeiro lanche, que geralmente é uma fruta da estação (e as crianças comem com gosto todos os tipos de frutas) junto de chá ou suco. A seguir, eles são direcionados à sala de brincar e por vezes ao pátio para interagir com as outras crianças da instituição. (Aqui percebo que quando existem crianças da mesma família é o momento de integração entre eles, assim como quando alguém está de aniversário, é um momento que é comemorado com todos e todos participam do momento de arrumar o espaço e se arrumarem para irem bonitos na festa de aniversário.) Em torno das quatro horas da tarde é oferecido outro lanche, desta vez com algum carboidrato (sanduíche, torrada, cuca, bolo, pizza ou pão com geleia). Após este lanche, as crianças que necessitam ser trocadas de fralda assim o são e depois retornam para a sala de brincar, e os maiores vão recebendo o seu banho e é permitido olhar televisão (para minha tristeza). E a seguir vem a hora da janta, super cedo para meu gosto, mas é assim que funciona ali. E após esta, há a troca de turno novamente. E daí a noite chega, e eu não permaneço no espaço por questões que, neste momento, não vêm ao caso.

2.2.3 Intervenção através de oficinas de atividades com as cuidadoras

A intervenção se caracteriza pelo delineamento qualitativo que foi realizado através das entrevistas com as cuidadoras e de um período de observação das atividades diárias dessas. Segundo Leopardi, o método “é um caminho de chegar a conhecimentos válidos e, no caso da pesquisa qualitativa, tal conhecimento é originário de informações de pessoas diretamente vinculadas com a experiência

estudada” (LEOPARDI, 2001, p. 224). Assim, buscou-se qualificar estas cuidadoras através de oficinas que buscaram fortalecer algumas práticas de cuidados e qualificar outras.

Durante a conversa informal, realizada no dia 17 de outubro de 2019, nas dependências da Associação Comunitária Pró-Amparo ao Menor, com a Supervisora Técnica, foi disponibilizado o tempo de 30 minutos para a realização de quatro momentos de oficinas de intervenção junto às cuidadoras. Nestas os temas principais foram o comportamento, a disponibilidade e as atitudes das cuidadoras para com os bebês nos momentos de trocas de fralda, de alimentação e de banho. Foram, então, realizadas as seguintes atividades/oficinas de intervenção:

Primeiro encontro – dia 09 de agosto de 2021: essa atividade foi balizada pelo conto *Duas Palavras*, de Isabel Allende (1996)(ANEXO F); após a leitura deste conto, foi construído um painel de palavras, utilizando-se as canetas hidrocor escrita fina ou escrita grossa, caneta de escrever azul, ou lápis de escrever, em folhas coloridas ou brancas, de espessura que as cuidadoras escolherem, fina ou grossa. Neste momento, o objetivo foi integrar e sensibilizar o grupo de cuidadoras;

Segundo encontro - dia 16 de agosto de 2021: nesse, valendo-me do conto *Janela sobre Palavra (IV)*⁷, de Eduardo Galeano (1994), as cuidadoras foram convidadas a pensar e escrever de forma individual em folha colorida fina e com caneta hidrocor fina ou grossa, palavras furiosas, palavras amantes, palavras neutras, palavras tristes e palavras mágicas. A seguir após a socialização oral das palavras escritas para com o grupo, todas foram convidadas a escrever uma frase, utilizando algumas das palavras escritas pelas cuidadoras, aliando sua prática diária com as palavras escritas. Neste momento, foi muito interessante ouvir o relato das cuidadoras que associaram esta atividade com o recebimento das cartas que foram enviadas no ano anterior. As cuidadoras falaram que, em um primeiro momento, foi interessante pedirem os lápis de cor para seus filhos para pintarem e resolverem as

⁷ – Conto Janela sobre Palavra (IV)

(Excerto do livro *As palavras andantes* de Eduardo Galeano, 1994, p. 69)

“Magda Lemonnier recorta palavras nos jornais, palavras de todos os tamanhos, e as guarda em caixas. Numa caixa vermelha guarda as palavras furiosas. Numa verde, as palavras amantes. Em caixa azul, as neutras. Numa caixa amarela, as tristes. E numa caixa transparente guarda as palavras que têm magia. Às vezes, ela abre e vira as caixas sobre a mesa, para que as palavras se misturem do jeito que quiserem. Então, as palavras contam para Magda o que acontece e anunciam o que acontecerá.”

atividades propostas, mas que, depois, ao conversarem entre si, sentiram falta quando receberam a última atividade e sabiam que não teriam mais este momento de ludicidade (informação obtida de forma oral e registrada no meu diário de campo);

Terceiro encontro - dia 25 de agosto de 2021: através de encenação, com a ajuda voluntária das cuidadoras, foram dramatizados os momentos de troca, de banho e de alimentação dos bebês. Estes momentos foram permeados por conhecimentos técnicos da pesquisadora, para exemplificar de forma concreta as atitudes adequadas a serem adotadas pelas cuidadoras, ou apenas corroborar com as práticas já existentes. Aqui também foi referendado o momento das cartas, principalmente na carta sobre a alimentação, em que a cuidadora está sentada na frente do bebê e aguarda a sua manifestação para lhe dar o alimento (informação obtida e registrada no meu diário de campo). Após, foram disponibilizadas canetas hidrocor escrita fina ou escrita grossa, caneta de escrever azul, lápis de escrever, e folhas coloridas ou brancas, de espessura fina ou grossa, e cada cuidadora escreveu uma frase sobre o momento que elas mais gostam em seu dia a dia junto dos bebês;

E, por fim, no **quarto momento - dia 30 de agosto de 2021**, foi oportunizado um momento de reflexão e avaliação escrita quando as cuidadoras escreveram sobre as atividades realizadas. E manifestaram, de forma oral, o desejo de que acontecessem mais momentos como estes, pois, segundo elas, estes momentos colaboram para a melhora no desempenho das atividades de cuidados diários que elas têm junto aos bebês. Igualmente foi solicitado que fosse disponibilizado um material escrito com todas estas informações que foram passadas nestes momentos das atividades/oficinas; ao que coloquei que eu estava pensando em como concretizar este desejo delas. Também foi solicitado que eu pensasse em realizar, em uma outra oportunidade, novos encontros, cujo tema abordasse sobre como lidar com as teimosias, como fazer/ agir quando as crianças mentem e mordem, e se é possível impor castigo aos bebês (informações obtidas e registradas em meu diário de campo).

3 PRODUTOS TÉCNICOS

Descrever os produtos técnicos requer uma breve contextualização. Aliar demanda clínica com pesquisa é um privilégio e um desafio para quem participa de um mestrado profissional. Esse, por excelência, prima pela integração entre a formação acadêmica e a formação profissional, realizando uma aproximação entre estas duas realidades, possibilitando, assim, o surgimento de produtos técnicos. A academia se encontra inserida em uma realidade social que, por vezes, apresenta problemas e descompassos. Estes podem ser solucionados a partir da intervenção do pesquisador no local de sua pesquisa, colaborando, dessa maneira para “uma maior aproximação e articulação entre a universidade e a realidade social” (NEGRET, 2008). Participar da PRIMEIRA turma do mestrado profissional da Universidade de Santa Cruz do Sul, tem sido um desafio constante no que diz respeito ao exercício da noção de resiliência e “amparo”. Oxalá possamos, através de nossas escritas, receber da academia uma atenção integral, da mesma forma como Amparo recebeu de Teodoro⁸ (WIERZCHOWSKI, 1999).

As expressões de subjetividade e cuidados são permeadas de afetos e conhecimentos. A academia nos fornece ferramentas para reflexionarmos, à luz das teorias, sobre a prática de cuidados, construindo, assim, “novas arquiteturas, tecendo novas redes” (LOPES *et al.*, 2011, p. 285). Pesquisas regionais (ATHAYDE, 2002; LEMOS; SILVA, 2019) relatam a premência de ações para qualificar as cuidadoras que trabalham em instituições de acolhimento. Os temas abordados no material didático, no produto de editoração e no curso possuem alto teor de inovação. Esses abarcam noções sobre a “aprendizagem autônoma” (TARDOS, 2010, p. 55), a qualidade dos cuidados desempenhados pelas cuidadoras, a importância do brincar livre e os “circuitos de retorno do bebê” (GOLSE, 2020, p. 62). Tais noções originam-se de pesquisas e estudos atuais.

Corroborando para a qualificação da formação continuada profissional das cuidadoras, e seguindo as ideias preconizadas por Negret (2008, p. 219), encontra-se a afirmação de que a intervenção é a possibilidade de “atuar com coerência na busca de uma transformação da sociedade”. Esta transformação se concretizará

⁸ Em seu livro *A prata do tempo*, Letícia Wierzychowski, mostra a história da família de Teodoro que quando está na casa da praia, uma casa com muitos labirintos e mistérios, acolhem Amparo. Ela, é uma moça que surge nesta trama de forma a se vincular com “Téo”, e este a acolhe, sem nada saber dela, nem ao menos seu nome.

através do material didático, do produto de editoração e do curso de formação continuada profissional, cuja complexidade gera uma “ação política e social” (LOPES *et al.*, 2011, p. 284), além de possibilitar uma interação entre saberes empíricos e científicos, o que caracteriza a presença de um mestrado profissional na universidade e desta na sociedade civil. Cumpre lembrar que, através destes produtos técnicos, que possuem um alto valor inovativo, poder-se-á colaborar com o processo de resiliência destas crianças e, por que não, das próprias cuidadoras. Afinal a “resiliência situa-se tanto no indivíduo quanto no contexto social” (CELIA, 2013, p. 132).

Assim, aliar uma demanda profissional com atividades desenvolvidas no Mestrado Profissional em Psicologia, do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, da Universidade de Santa Cruz do Sul, resultou nestes produtos técnicos:

3.1 Material Didático (livro paradidático)

Cultivar cuidados:

orientações para cuidar de bebês em situação de acolhimento

Este material didático (APÊNDICE G) foi elaborado como suporte a ser utilizado no curso de formação continuada profissional para as cuidadoras de bebês em situação de acolhimento.

Quando da disciplina *Abordagens e Contextos de Intervenção em Saúde Mental*, no primeiro semestre de 2019, sob a condução dos professores Jerto Cardoso da Silva e Moises Romanini, o plano da disciplina previa um ensaio escrito e um produto técnico (material informativo) como tarefa avaliativa. Para tanto, em meu ensaio escrito desenvolvi temas sobre os cuidados diários que as cuidadoras de bebês em situação de acolhimento devem ter para proporcionar um desenvolvimento saudável ao bebê que está sob seus cuidados. O material técnico produzido na ocasião, foi um infográfico para bebês de zero a três anos e seus pais e cuidadores; trazendo em seu escopo o desenvolvimento dos bebês separados por etapas/fases de desenvolvimento físico. A saber: 0 - 3 meses, 3 - 6 meses, 6 - 9 meses, 9 - 12 meses, 12 - 18 meses, 18 - 24 meses, 24 - 30 meses e 30 - 36 meses, e, ao lado de cada uma dessas etapas de desenvolvimento do bebê, foi descrita a atitude adequada que os pais e as cuidadoras podem ter, privilegiando sempre os

momentos de cuidados diários. Esse material informativo denominei de Régua de Desenvolvimento (APÊNDICE H). Porém, em um dos encontros com meus orientadores, isso, em agosto deste ano, percebi que esta régua de desenvolvimento poderia se transformar em um livro paradidático⁹. E, assim, dediquei-me para transformar a régua de desenvolvimento de bebês neste material didático, para poder colaborar na mediação do processo de qualificação, quando dos momentos de intervenção junto as cuidadoras de bebês em situação de acolhimento. Aliada a esta possibilidade interventiva, verifica-se seu caráter de inovação e sua replicabilidade para junto às cuidadoras de bebês, que não sejam apenas os abrigados, a saber todos os bebês que frequentam as escolas de educação infantil e que possuem cuidadoras que podem receber o conteúdo abordado neste material didático.

A importância da relação das cuidadoras com os bebês é verificada cotidianamente. Elas cumprem um papel de maternagem, fundamental na constituição psíquica dos bebês. A ação de cuidar requer a capacidade de observar o bebê e de permitir que seu ritmo e sua competência se manifestem de maneira singular e única. Através de uma proposta inovadora, aliando o conhecimento científico a atividades lúdicas, para serem desenvolvidas pelas cuidadoras, esse material didático concede mais luz às atividades cotidianas que estas realizam junto de bebês em situação de acolhimento.

3.2 Produto de Editoração (e-book)

Cultivar cuidados:

orientações para cuidar de bebês em situação de acolhimento

Certamente vivemos um momento único que será descrito posteriormente de várias maneiras, afinal nossa vida sofreu e ainda sofre mudanças inimagináveis; e diante da crise sanitária que ainda estamos vivenciando, foi necessário remodelar as formas de acontecer a informação e o conhecimento. A obrigação do isolamento social impôs aos mais diversos setores de nossa sociedade a possibilidade da

⁹ “Sobre as características de uma obra paradidática a compreensão que se tem é que se trata de material educativo que não é 'exatamente' didático. Ou seja, trata-se de obra que além de ser e apresentar características didáticas, este material pode ser utilizado na proposição e realização de atividades de sala de aula, de forma teórica, informativa e lúdica” (informação verbal recebida do Professor Doutor Felipe Gustsack, dia 16 de setembro de 2021).

expansão criativa, que é característica do ser humano. Em decorrência do momento pandêmico que vivemos, o uso da tecnologia foi expandido e, foram possibilitadas formas diversas de propagar o conhecimento através da mídia eletrônica, alcançando patamares dantes inimaginados.

O momento atual, mostrou-me a premência em transformar o conteúdo do material didático, intitulado *Cultivar Cuidados* (APÊNDICE G) em um produto de editoração (APÊNDICE I). A mídia eletrônica facilita a divulgação da informação e agregando valor ao mesmo, proporciona a replicabilidade do conhecimento que está impresso neste produto técnico, que é resultado da atividade editorial. Compreendido neste processo de editoração está o planejamento e execução intelectual e gráfica.

3.3 Curso de Formação Continuada para Cuidadoras de Bebês

O presente curso (APÊNDICE J), é resultado da análise das entrevistas realizadas com as cuidadoras, da observação participante realizada quando da pesquisa, e dos momentos de intervenção com as cuidadoras de bebês em situação de acolhimento. Pensando na qualificação mais adequada junto das cuidadoras, a utilização desta “atividade possibilita o aprendizado e o reconhecimento de necessidades do sujeito e o desenvolvimento de sua capacidade para buscar soluções próprias e criativas” (BARROS *et al.*, 2002). Concretizando através da qualificação das cuidadoras, cuja abrangência gera uma “ação política e social” (LOPES *et al.*, 2011), uma transformação nas práticas cotidianas de cuidados dispensados pelas cuidadoras de bebês em situação de acolhimento.

O curso prevê abordar: o lugar objetivo e subjetivo que a cuidadora ocupa/possui; a importância dos momentos de acolhimento e cuidado que as cuidadoras dispensam a estes bebês, aspectos do desenvolvimento infantil de bebês e as atitudes mais adequadas que as cuidadoras podem ter quando dos cuidados diários com esses.

Através deste curso, busco capacitar as cuidadoras de bebês em situação de acolhimento, afinal elas detêm alto potencial de influência na saúde mental desses. A relevância deste curso está na inexistência de curso de formação específica para cuidadoras de bebê em situação de acolhimento. É uma iniciativa pioneira que, embora direcionada primeiramente às cuidadoras de bebês em situação de

acolhimento, é válido, também, para outras instituições que recebem bebês, como creches e escolas de educação infantil, podendo ser um subsídio para a melhoria da saúde pública brasileira. “A formação continuada desses profissionais deve ser promovida constantemente, a fim de garantir a excelência e o zelo no cuidado desses abrigados” (SILVA; LELLIS, 2020, p. 310), diante desta afirmação ataviei-me e organizei esse produto técnico cujo grau de abrangência é elevado.

4 PRODUÇÃO CONFORME NORMAS DA REVISTA

Esta produção escrita recebeu o título de “*Cuidadoras de crianças institucionalizadas: uma reflexão sobre o cuidar*”. A mesma, está conforme as normas técnicas exigidas pela revista *Ciência & Saúde Coletiva*, e o comprovante de submissão se encontra no ANEXO D. Neste artigo, realizo uma reflexão sobre o cuidar, a satisfação das cuidadoras no desempenho de suas atividades diárias e suas dificuldades nos cuidados diários junto dos bebês em situação de acolhimento na instituição pesquisada. Nas considerações finais, destaca-se a premência de investimento, pelo poder público, através de políticas públicas, na capacitação das pessoas que desempenham o papel de cuidadoras de bebês em situação de acolhimento. A seguir o artigo:

Cuidadoras de crianças institucionalizadas: uma reflexão sobre o cuidar

Institutionalized children care workers: a reflection about care

Resumo: O cuidar de bebês não é uma profissão regulamentada, que exige formação específica, as cuidadoras não estão vinculadas a uma associação ou conselho profissional. No entanto, para acompanhar o desenvolvimento de uma criança e atendê-la nas suas necessidades, são primordiais, além do afeto, conhecimentos que subsidiem as práticas de cuidados diários. Quando a relação do bebê com sua mãe é interrompida, e ele é acolhido em uma instituição de acolhimento, cabe aos cuidadores desta desempenharem o papel substitutivo ao da família. Neste artigo objetiva-se apresentar a realidade vivida por cuidadoras de crianças institucionalizadas em casa de acolhimento em um município no sul do Brasil e refletir sobre as dificuldades e facilidades que se apresentam. Através de pesquisa qualitativa, buscou-se conhecer o modo como se estabelece a relação desta díade em situações de acolhimento institucional. Foram realizadas entrevistas com onze cuidadoras que atendem crianças de zero a três anos na instituição pesquisada. Os dados foram organizados e analisados através da análise de

conteúdo, especificamente, análise temática conforme Bardin (2016) e originaram três temáticas que são: as facilidades nas rotinas dos cuidados diários, as dificuldades nas rotinas dos cuidados diários, e o tempo reduzido para dedicação à criança. As abordagens teóricas utilizadas foram referenciais das áreas da Saúde, Psicologia Social, Psicanálise e Assistência Social, além da legislação como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e do documento de Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes de Junho de 2009. Nos resultados das entrevistas pode-se detectar que as cuidadoras se sentem satisfeitas com o trabalho desenvolvido, não tem dificuldades com a rotina de cuidados, e muitas mencionaram o tempo reduzido para a dedicação.

Palavras-chave: Cuidado da criança, Criança institucionalizada, Política pública, Satisfação no trabalho.

Abstract: Taking care of babies is not a regulated profession, which requires specific training, caregivers are not linked to an association or professional council. However, in order to monitor a child's development and meet their needs, in addition to affection, knowledge that subsidizes daily care practices is essential. When the baby interrupts the relationship, it had established with the mother and is sheltered in a public institution, it is up to the institution care workers the role of substitution to the family. This article aims to present the reality of care workers of institutionalized children in a foster home in a city in the south of Brazil and reflect on their difficulties and facilities. Through qualitative research, it was sought to know the way the relationship between this dyad is established in institutional shelter situations. Interviews were conducted with eleven care workers that take care of children from zero to three years old. The data were organized and analyzed through content analysis, specifically, thematic analysis according to

Bardin (2016) and gave rise to three themes that are: the facilities in the daily care routines, the difficulties in the daily care routines, and the reduced time for dedication the child. The theoretical approaches used were references in the areas of Health, Social Psychology, Psychoanalysis and Social Assistance, in addition to legislation such as the Child and Adolescent Statute (ECA) and the Technical Guidelines document: Shelter Services for Children and Adolescents of June 2009.

Keywords: Child care, Child Institutionalized, Job Satisfaction, Public policy.

Introdução

“Um escritor não deve apenas saber observar,
mas precisa descobrir os signos ocultos naquilo que observa.”

Jordi Sierra i Fabra

Contar histórias é uma ação narrativa milenar desempenhada somente pelo humano, cuja função de ligação “nos proporciona um caminho psicológico para ajustar a vida à realidade de *chronos*”, e assim permitir a sensação de continuidade da vida. Fabra², ao saber da experiência vivida por Kafka em seus últimos meses de vida, quando de seus passeios matinais pelo parque Steglitz de Berlim, inspirou-se e recriou as cartas escritas pela boneca Brígida para a menina Elsi, dona do brinquedo. É uma narrativa muito interessante, pois mostra o sofrimento desmesurado de Elsi pela perda/sumiço de sua boneca Brígida. Kafka, impressionado pelo choro dramático da

menina, sem importar-se com sua própria dor física, aproxima-se e inicia uma conversação com o intuito de acalmá-la.

A história segue de maneira encantadora. Destaca-se, aqui, a forma empática como Kafka permitiu-se afetar pelo sofrimento da perda de um objeto muito significativo Elsi e a maneira que ele encontrou para desempenhar um cuidado reparador. Sentimentos são evocados! Dentre eles, a empatia, que é a capacidade de se colocar no lugar do outro, sem, contudo, viver a vida deste outro; e o sofrimento, que pode ser da ordem física e da ordem emocional. Dejours³ quando se refere à escolha do órgão corporal, para demonstrar seu sofrimento, afirma que existe uma moção inconsciente.

Flores e Moura⁴, seguindo a esteira do pensamento de Dejours *et al.*⁵, escrevem que “o sofrimento é considerado o campo que separa a doença da saúde”. Campo este que merece atenção, pois envolve a psicodinâmica laboral, em que “a relação com o trabalho é estabelecida na relação com o outro”⁶, através de experiências que revelam a dimensão moral e simbólica do fazer/trabalhar.

Uma das características do ser humano é a capacidade de expressar seus sentimentos e exercer sobre eles um controle e até um aprendizado, aliado à produção do sentimento de “ser respeitado como indivíduo”⁷. Isso desperta no homem, enquanto ser pensante, o devir, que denota movimento e potencialidade. Movimento este que se verifica quando se está como psicóloga diante das cuidadoras de bebês de um espaço institucional de acolhida. A possibilidade de adentrar neste universo permite reformular, reforçar, subverter ou simplesmente construir um conceito que, de forma sutil ou não, permeia a subjetividade, e, por que não afirmar, o afeto. E por estar-se afetada pelo trabalho com crianças institucionalizadas, e acreditar-se que os afetos são co-construídos, considera-se de suma importância as pesquisas relacionadas à forma como são desempenhadas as funções de cuidadoras de crianças institucionalizadas. As casas

de acolhimento recebem cerceamentos de possibilidades da manifestação do criativo. A potencialidade que se verifica no fazer diário de um psicólogo e de um cuidador de crianças institucionalizadas é imensa, porém sabe-se que a automação de rotinas e a necessidade de seguir determinados protocolos e procedimentos técnicos em alguns momentos impedem a manifestação da subjetividade.

A vida é encantadora, pois sempre existe uma forma de reconhecimento que concede um alento e transforma o espaço de trabalho em “um espaço de construção de sentido, em que o trabalhador conquista a sua identidade, um espaço de continuidade, da historicização do sujeito”⁸.

Como bem destaca J. Hillman⁹, na vida humana, nem sempre se consegue explicar tudo que acontece; existem chamados, destinos que compõem e realizam reviravoltas, afinal “cada pessoa tem uma singularidade que pede pra ser vivida”. E assim a vida se manifesta com desafios e confrontos que possibilitam desenvolver sensibilidades e atender aos chamados. A atividade de psicóloga de crianças institucionalizadas é singular, afinal, poder ser e estar junto destas é um privilégio que se manifesta quando se verifica seu bem-estar emocional e psíquico. Quanto aos cuidadores de crianças de casas de acolhimento, cumpre lembrar Celia¹⁰ que afirma serem esses cuidadores os adultos que, através de suas ações, “formam uma pele protetora, contingente, que conseguem dar proteção, segurança” e, conseqüentemente, um envelope narrativo e afetivo no início da vida destas crianças. Às cuidadoras cabe “um fazer que envolve o cuidado com o outro”¹¹. Este fazer certamente prevê o risco de desestabilização psíquica e somática que, quando aliado ao prazer laboral, concederá uma diminuição da tensão que a atividade de cuidar deste outro envolve.

Dutra *et al.*¹² quando questionam sobre o ser psicólogo, concordam com Leite¹³ que afirma haver a necessidade de se resgatar o existir enquanto processo nos

contextos institucionais, de modo que os discursos dos sujeitos ganhem espaço, expressão, e sejam reconhecidos. Lemos e Silva¹⁴ afirmam que é necessário “continuar pensando e refletindo nesses encontros que acontecem nas instituições de acolhimento, para que estes sejam marcados por relações afetivas significativas e de qualidade”.

Assim, a presente reflexão tem como objetivo apresentar a realidade vivida por cuidadoras de crianças institucionalizadas em uma casa de acolhimento, situada na região central de um estado do sul do Brasil.

As casas de acolhimento devem ser um espaço onde a qualidade do vínculo entre o profissional e a criança se faça presente desde o momento da chegada da criança à mesma. Para França¹⁵ “uma das tarefas fundamentais no âmbito da entidade de acolhimento, senão a mais fundamental delas, é a de possibilitar o estabelecimento desse vínculo que permitirá à criança aumentar sua resiliência”.

Quando um bebê chega à uma casa de acolhimento, podemos afirmar que ocorre um encontro, uma intersecção de vivências e expectativas que constituem, de forma indelével, este momento que pode e deve contribuir para a construção de novas subjetivações; afinal são bebês que já sofreram privações e violências que, por sua vez, já deixaram marcas em suas vidas. Molina¹⁶ afirma que “uma criança sente-se cuidada quando conta com adultos disponíveis e com condições subjetivas para lhe sustentar referências de identificação, de sexuação e de filiação”.

Sabemos que “a qualidade dos cuidados parentais que uma criança recebe em seus primeiros anos de vida é de importância vital para a sua saúde mental futura”¹⁷, bem como o modo pelo qual estes cuidados são desempenhados “pelos pais, determina, em grau considerável, se a criança será mentalmente saudável ao crescer”¹⁸. Optou-se por dar ênfase à pessoa da cuidadora, eis que este é um dos temas desta pesquisa. Aqui cumpre lembrar Celia¹⁹ que afirma serem as cuidadoras os adultos que através de suas

ações, “formam uma pele protetora, contingente, que conseguem dar proteção, segurança” e, conseqüentemente, um envelopamento narrativo e afetivo no início da vida.

Partindo do pensamento de que sozinho não se obtém resultados comunitários, há que se incentivar os profissionais da área da saúde, principalmente pediatras, psicólogos, assistentes sociais e agentes comunitários a participarem e buscarem capacitações técnicas. Para tanto, nada mais saudável que contar com a presença de profissionais específicos como psicólogos, quando da realização dessas atividades. Esses, ao se inserirem no social de forma mais ampla, certamente, poderão sistematizar saberes e, como bem nos coloca Celia²⁰, “é na observação, na escuta, no auxílio em forma de apoio, oferecendo espaços físicos e psicológicos, que se podem preparar estratégias para potencializar as atividades individuais e coletivas existentes nos grupos humanos, para buscarem sua autorrealização”.

O interesse pela temática de cuidados com bebês institucionalizados surge da prática clínica como psicóloga. Nesta prática, depara-se com cuidadoras que relatam suas dúvidas sobre como cuidar melhor e assim colaborar com a constituição psíquica destes sujeitos em desenvolvimento. Quando, por algum motivo, a relação entre o bebê e sua mãe é interrompida, e ele é acolhido em uma instituição pública, caberá às cuidadoras deste local, desempenharem esse papel de maneira substitutiva ao da família, assumindo os cuidados desse bebê.

Poder aliar esta demanda clínica com a pesquisa é um privilégio e um desafio para quem participa de um mestrado profissional. O Mestrado Profissional por excelência prima pela integração entre a formação acadêmica e a formação profissional, realizando uma aproximação entre estas duas realidades que compõem a academia que se encontra inserida em uma realidade social que por vezes apresenta problemas e

descompassos. Pesquisas regionais (Athayde²¹ e Lemos e Silva²²) relatam a premência de ações para qualificar o cuidado destas cuidadoras, como é sugerido pelo documento de Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes de Junho de 2009²³. Nesta linha de pensamento, Weigelt²⁴ afirma ser fundamental convocar e ouvir a população sobre suas reais necessidades, e assim convidá-la a uma participação mais efetiva e dinâmica nas decisões de políticas públicas.

Metodologia

Para se delinear como foi a metodologia, primeiramente há que se definir que “uma metodologia é muito mais do que um conjunto de técnicas de pesquisa” (Víctora, Knauth e Hassen²⁵). Há uma realidade que circunda o meio pesquisado que deve ser considerada. Portanto, uma breve contextualização sobre esta casa de acolhimento se faz necessária.

A instituição onde ocorreu a pesquisa, foi constituída a partir da união de esforços de pessoas que compunham o comissariado de menores e clubes de serviços, que juntamente com segmentos da comunidade local, viram a necessidade de haver um espaço para receber crianças e adolescentes que se encontravam em situações de abandono, negligência e maus tratos.

O funcionamento desta instituição é sob o regime de abrigo, sendo mantido financeiramente por associados, doações da comunidade e de outros países, bem como de parcerias com as prefeituras da região. Atualmente obtém recursos financeiros que provém da padaria da instituição.

A estrutura física é composta por três casas que são distribuídas em: um berçário que recebe crianças de zero a três anos, podendo receber até doze crianças; a partir da idade de três anos as crianças são “transferidas” para outra casa, também com

capacidade para doze menores; há outra edificação, que está organizada em duas partes, sendo que, de um lado, são acomodados os meninos e, no outro, as meninas de oito a doze anos de idade.

A instituição dispõe também de uma quadra de esportes coberta e um gramado para brincadeiras ao ar livre, e uma cabana de convivência, onde são oportunizadas as visitas das famílias, momentos de integração das crianças, e, ainda, dos técnicos.

Por fim, cumpre salientar que os encaminhamentos são sempre realizados pelo Conselho Tutelar em colaboração com o Juizado da Infância e da Juventude, mediante determinação judicial, prevista pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente)²⁶, como medida protetiva. Após a chegada à instituição os menores recebem uma acolhida afetuosa e são acompanhados pelos cuidadores da casa no processo de adaptação. Estes menores também são encaminhados para realizarem vacinas caso necessitem, atendimento médico, psicológico e odontológico.

Para dar andamento a esta pesquisa, neste período que isolamento social, fez-se necessário replanejar e reorganizar as atividades investigativas, utilizando-se plataformas virtuais. A partir da imposição de um isolamento social, causado pela pandemia do Covid-19, os mais diversos setores tiveram de repensar e reinventar formas de trabalhar, como é o caso desta pesquisa. Diante da necessidade de controlar a disseminação de um vírus, que tem como característica principal sua alta propagação e facilidade de contaminação, até o momento estamos impossibilitados de realizar a observação participante, que é a última fase da pesquisa.

Assim, através de pesquisa qualitativa, buscou-se conhecer o perfil das cuidadoras e saber como se estabelece a relação da díade cuidadora-bebê, em situações de acolhimento institucional. Para tanto foram realizadas entrevistas com onze cuidadoras que atendem às crianças de zero a três anos. As questões norteadoras das

entrevistas foram elaboradas previamente e realizadas por telefone, quando as participantes já se encontravam em seus domicílios. Os dados das entrevistas foram analisados através da análise de conteúdo. Já do perfil das cuidadoras no que tange a sua idade, obteve-se a informação de que seis cuidadoras possuem entre 24 e 38 anos; quatro cuidadoras possuem entre 40 e 55 anos, e uma cuidadora tem 63 anos. A escolaridade das cuidadoras é diversificada: quatro possuem ensino médio; duas têm cursos técnicos, e cinco, ensino superior. E quanto ao tempo de trabalho na instituição, sete cuidadoras estão trabalhando na casa em um período menor de três anos; uma cuidadora está na instituição há sete anos e, por fim, três cuidadoras trabalham há 20 anos na instituição.

Em se tratando dos procedimentos éticos, as entrevistas tiveram início após a leitura, consentimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelas pesquisadas. O projeto de pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNISC sob parecer N° 3.762.756/2019 e segue a legislação que trata da pesquisa com seres humanos, expressa por meio da Resolução n°. 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). Para a manutenção do anonimato das participantes do estudo, foi utilizada a letra C do alfabeto na identificação e o número que corresponde à ordem no desenvolvimento das entrevistas.

Resultados e discussão

Das entrevistas realizadas, extraímos que as experiências no desenvolvimento das rotinas de cuidados permitem às cuidadoras se sentirem satisfeitas com o trabalho desenvolvido e existem poucas dificuldades com a rotina de cuidados e a constatação do pouco tempo para estar com as crianças. Desta forma, elencamos três categorias de

análise, experiências no cuidado, dificuldades com a rotina de cuidados para com as crianças e o tempo reduzido para dedicação à criança.

Na categoria sobre as experiências no desenvolvimento das rotinas de cuidados e o sentimento de satisfação com o trabalho desenvolvido, torna-se importante referir que o afeto é “um dos estados emocionais, cujo conjunto constitui a gama de todos os sentimentos humanos”²⁷. Para Paulon²⁸, “o sentimento é um estímulo sensório, uma dor, uma tensão interna, uma emoção ou intenção. É o marco da mentalidade, na sua forma mais primitiva”. Ao se pensar sobre a satisfação em desenvolver um trabalho, em desempenhar cuidados rotineiros, há que se sinalizar para a importância do afeto que irá sustentar o bebê minimamente, proporcionando condições de ser compreendido e subjetivado.

Percebe-se que a “formação de vínculo e apego é uma constante no processo de interação entre as cuidadoras e as crianças”²⁹ em situação de acolhimento, revelando diferentes formas de manifestação de afeto entre a díade. A importância do afeto é apontada pela Cuidadora 8 ao afirmar que “...para mim é uma facilidade se relacionar com elas. Eles vêm, as vezes tu vêes que eles tão bem mal, assim, tão chorando, daí tu vai e eles vem dando amor, carinho, logo eles tão bem, então isso também é uma facilidade né!”. Golse³⁰ considera que as emoções e os afetos são co-construídos “no seio da díade e é o partilhar dos afetos que vai permitir ao bebê instaurar sua vida afetiva e emocional pessoal”.

Da mesma maneira, a Cuidadora 2 verbaliza que “...eu tenho uma facilidade assim de que quando eu tenho que ser firme eu sou firme, quando eu tenho que dar amor e carinho, eu dou...”. Assim, vemos evidenciado que a cuidadora exerce uma atitude de acolhimento às tristezas e concede “sustentação e continência para garantir o vir a ser”³¹ desta criança. Destarte, vemos corroborado o pensamento de Santos et al³² que afirmam

que “os laços de afeto e amizade constroem o vínculo entre trabalhadores e usuários, dando vazão a um clima de intimidades que estreita as relações, tornando-as mais horizontais, abrindo-se às redes vivas de produção de existência”.

Na segunda categoria, na qual as cuidadoras referem existir pouca ou nenhuma dificuldade com a rotina de cuidados, cumpre lembrar Trivellato et al³³, que, citando Malaguzzi sustenta a importância de que “o trabalho junto à criança deve possibilitar o sentimento de prazer na realização de atividades”³³. As experiências deixam registros na memória e marcas subjetivas que concedem recursos emocionais e competências para estar diante do desafio da rotina de cuidados de crianças institucionalizadas. Segundo Cavalcante e Corrêa³⁴, “70% das cuidadoras informaram não ter experimentado nenhum tipo de dificuldade” quando de suas atividades nas rotinas de cuidados de crianças institucionalizadas. A Cuidadora 5 corrobora esta categoria quando afirma que: “para mim eu não vejo dificuldade nenhuma sabe. Não é difícil. Não tenho dificuldade nenhuma. É um prazer chegar, trabalhar, eu não saio de lá chateada, eu saio de lá superbem. É um trabalho que me faz bem, sabe, eu venho para casa superbem. Estar lá dentro trabalhando eu gosto.” Bem como a Cuidadora 7, que verbaliza acreditar que “não tem dificuldades.”

Na terceira categoria elencada, percebemos que algumas cuidadoras referem que o tempo para estar com as crianças é restrito, uma vez que este espaço de convivência possui diversas rotinas que devem ser seguidas, e estas se mostram complexas de serem administradas. E, “é a partir da disponibilidade de cada cuidador para sustentar a história e as dores das experiências iniciais de cada criança que se possibilita”³⁵ o desenvolvimento saudável e harmonioso da mesma. Esta disponibilidade exige uma dedicação exclusiva à criança. As Cuidadoras 1, 2 e 9 referem: “éramos entre duas e agora aumentou uma e daí tem mais tempo”; “não dá tempo de a gente ficar um pouco

com eles... a gente fica um pouco com eles”, e “tu atende bem aquele que tá ali, mas, ao mesmo tempo, tu sabes que o outro precisa da tua ajuda”. Assim, percebemos que há um desejo nas cuidadoras de estarem mais com essas crianças. Sabedoras de seu compromisso com a rotina técnica, estão, porém, impossibilitadas de se fazerem mais presentes.

Considerações finais

Num país com dimensões continentais como o nosso, há muito que se prevenir, mas, por outro lado, há muito que se promover a saúde, não como plataforma política (lembramos aqui da Reforma Sanitária, que foi obstruída desde os anos 60 por distorções, desentendimentos e boicotes políticos), mas, sim, como direito de todo cidadão brasileiro, direito que teve seu início concretizado na Reforma Sanitária de 1986.

Investir no acompanhamento das cuidadoras de crianças institucionalizadas é uma forma de promoção da saúde e gestão do cuidado nos processos de trabalho, possibilitando assim, o desenvolvimento de competências de forma profilática. Quando as dificuldades e distúrbios são tratados precocemente, aumentam as possibilidades de as crianças construírem uma saúde emocional, psíquica e física saudável e, assim, poderem desenvolver sua autonomia.

Ao falar-se de promoção de saúde, objetiva-se trabalhar dentro do contexto da comunidade, em que se busca promover habilidades e reforçar as redes que já existem e que também podem surgir das próprias necessidades do local, afinal a comunidade é um arranjo particular do cotidiano, no qual as cuidadoras estão inseridas.

Referências

1. STERN, Daniel N. *O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
2. FABRA, Jordi Sierra i. *Kafka e a boneca viajante*. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda., 2009.
3. DEJOURS, Christophe. *Primeiro, o corpo: corpo biológico, corpo erótico e senso moral*. Porto Alegre: Dublinense, 2019.
4. FLORES, V. D. C.; MOURA, E. P. G. Significados de trabalho, prazer e sofrimento no ofício de agentes funerários. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 18 (1), jan-mar 2018, 326-334.
5. DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. *Psicodinâmica do Trabalho – contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Ed. Atlas, 1994.
6. MERLO, A. R. C. *et al. Atenção à saúde mental do trabalhador: sofrimento e transtornos psíquicos relacionados ao trabalho*. Porto Alegre: Editora Evangraf Ltda. 2014.
7. GADDINI, Renata. *Il Processo Maturativo*. Padova: Cleup Editore, 1982.
8. FLORES, V. D. C.; MOURA, E. P. G. Significados de trabalho, prazer e sofrimento no ofício de agentes funerários. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 18 (1), jan-mar 2018, 326-334.
9. HILLMAN, James. *O código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
10. CELIA, Salvador A. H. A capacitação da resiliência e a formação da pele psicossocial (envelope). In: FILHO, L. C.; CORRÊA, M. E. G.; FRANCA, P. S. (Orgs). *Novos olhares sobre a Gestação e a criança até os três anos: saúde*

- perinatal, educação e desenvolvimento do bebê. Brasília: L. G. E., 2002. P.494-502.
11. FLORES, V. D. C.; MOURA, E. P. G. Significados de trabalho, prazer e sofrimento no ofício de agentes funerários. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 18 (1), jan-mar 2018, 326-334.
 12. DUTRA, D. S. *et al.* Doença dos nervos: Sentidos e Representações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 26, n. 1, p. 4-11, 2006.
 13. LEITE, S. O Psicólogo e algumas Práticas no Serviço Público Estadual de Saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 17, n. 1, p. 35-39, 1997.
 14. LEMOS, Isabela Cristina; SILVA, Roselaine Berenice Ferreira da. Cuidado de crianças em acolhimento institucional: relações afetivas e dimensão temporal. *PSI UNISC*, Santa Cruz do Sul, v.3, p. 173-191, jun. 2019.
 15. FRANÇA, in WENDLAND, Jaqueline *et al* (Org.). *Primeira Infância: ideias & intervenções oportunas*. Brasília: Comissão de Valorização da Primeira Infância e Cultura da Paz, 2012.
 16. MOLINA, Silvia Eugenia. A função estruturante dos adultos que tomam conta da criança na escola maternal. In: KUPFER, M. C. M. (org.) *O que os bebês provocam nos psicanalistas*. São Paulo: Escuta, 2008. p. 65-69.
 17. BOWLBY, John. *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
 18. BOWLBY, John. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
 19. CELIA, Salvador. Grupos Comunitários. In: ZIMERMAN, D. E. *et. al. Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 101-105.

20. CELIA, Salvador. Grupos Comunitários. In: ZIMERMAN, D. E. *et. al. Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 101-105.
21. ATHAYDE, Liselote Menz. *A representação de criança para as cuidadoras da Copame*. 2002. (89 f.) Monografia / Pós-Graduação em Desenvolvimento Infantil - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2002.
22. LEMOS, Isabela Cristina. SILVA, Roselaine Berenice Ferreira da. Cuidado de crianças em acolhimento institucional: relações afetivas e dimensão temporal. *PSI UNISC*, Santa Cruz do Sul, v.3, p. 173-191, jun. 2019.
23. *Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes de Junho de 2009*. Brasília.
24. WEIGELT, Leni. *O Sistema Único de Saúde e os Profissionais da Saúde de Nível Universitário da rede pública de Santa Cruz do Sul – RS*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.
25. VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. *Pesquisa Qualitativa em Saúde*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.
26. ECA – *Estatuto da Criança e do Adolescente* – Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990 / Lei n. 13.431, de 4 de abril de 2017.
27. CHEMAMA, Roland. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.
28. PAULLON, Elizabeth Brasil. Uma psicanálise científica. *Revista da Faculdade de Psicologia da PUC-SP*, São Paulo, n. 3, p. 111-118, nov. 1996.
29. GABATZ, Ruth I. B. ; *et al.* Formação e rompimento de vínculos entre cuidadores e crianças institucionalizadas. *REVISTA BRASILEIRA ENFERMAGEM*. 2018; 71: 2808-16. Doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0844

30. GOLSE, Bernard. *Sobre a psicoterapia pai-bebê: narratividade, filiação e transmissão*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.
31. OMIZZOLLO, Poliana; SILVA, Milena da Rosa. O olhar do agente educador sobre a constituição psíquica de crianças acolhidas. *REVISTA SUBJETIVIDADES: Relatos de Pesquisa*, Fortaleza, 18 (2): 105-116, agosto 2018.
32. SANTOS, Debora de Souza; MISHIMA, Silvana Martins; MERHY, Emerson Elias. Processo de trabalho na Estratégia de Saúde da Família: potencialidades da subjetividade do cuidado. *CIÊNCIA & SAÚDE COLETIVA*, 23 (3); 861-870, 2018.
33. TRIOVELLATO, Aline Jacob; CARVALHO, Cíntia; VECTORE, Celia. Escuta afetiva: possibilidades de uso em contextos de acolhimento infantil. *PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL*. 2013, vol.17, n.2, pp.299-307.
34. CAVALCANTE, Lília Iêda Chaves; CORRÊA, LAIANE da Silva. Perfil e trajetória de educadores em instituição de acolhimento infantil. *CADERNOS DE PESQUISA*. 2012, v. 42, n. 146, p. 494-517, maio/ago.
35. OMIZZOLLO, Poliana; SILVA, Milena da Rosa. O olhar do agente educador sobre a constituição psíquica de crianças acolhidas. *REVISTA SUBJETIVIDADES: Relatos de Pesquisa*, Fortaleza, 18 (2): 105-116, agosto 2018.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num país com dimensões continentais como o nosso, há muito que se prevenir, mas, por outro lado, há muito que se promover a saúde, não como plataforma política, mas, sim, como direito de todo cidadão brasileiro. Ao falar-se de promoção de saúde, objetivou-se trabalhar dentro do contexto da comunidade, promovendo habilidades e reforçando as redes que já existem e que também poderão surgir das próprias necessidades do local, afinal a comunidade é um arranjo particular do cotidiano, no qual as cuidadoras de bebês em situação de acolhimento estão inseridas, e cumprem um papel de maternagem fundamental na constituição psíquica dos bebês.

A finalização desta pesquisa extrapola a obtenção dos dados delimitados no início desta através dos objetivos, pois as experiências vividas por mim foram constitutivas e edificantes enquanto pesquisadora. Objetivo nestas considerações, resgatar dados obtidos no decorrer da pesquisa, e assim responder aos objetivos da mesma.

Ao se pensar em como as relações interpessoais e de cuidado estabelecidos pela díade cuidadora/bebê se caracterizam, cumpre escrever que se constituem pelo “afeto técnico”. Com esta expressão desejo mostrar que as cuidadoras demonstram afeto e carinho pelos bebês, quando por vezes podem conceder um colo, ler um livro com eles, estar enfim mais próximas. Porém, aliado a este sentimento de afeto, elas desempenham algumas atividades de forma técnica, tendo em vista a necessidade de atender todos os bebês da casa.

Uma casa possui rotinas e atividades que devem e podem ser cumpridas; a casa dos bebês, nesta instituição de acolhimento, não é diferente. A rotina dos cuidados diários é sempre desempenhada tendo em vista o bem-estar dos bebês. A troca das fraldas, a alimentação, os banhos e os breves momentos de lazer são mesclados e realizados de forma a conceder uma sustentação física e emocional aos mesmos. No que tange às dificuldades e facilidades, diante das experiências subjetivas de maternagem vividas pelas cuidadoras em suas vidas privadas (dado que me foi informado durante o período de observação e escrito no diário de campo), elas deixam claro que estar ali como cuidadora e desempenhar este papel de cuidados não é difícil.

A utilização dos produtos técnicos desenvolvidos no percurso deste mestrado, já demonstrou, através das atividades/oficinas de intervenção com as cuidadoras ser de grande valia e aproveitamento por parte das cuidadoras. Essas solicitaram que fosse disponibilizado este material escrito para elas, o que será feito assim que o mesmo for aprovado pela banca avaliadora.

Investir no acompanhamento e na capacitação das cuidadoras de bebês em situação de acolhimentos é uma forma de promoção da saúde e gestão do cuidado nos processos de trabalho, possibilitando, assim, o desenvolvimento de competências de forma profilática são necessárias, uma vez que as mesmas não detêm uma formação específica na área de cuidados às crianças. A importância da continuidade e a ampliação de estudos que incluam as cuidadoras são necessárias. Urge capacitá-las, afinal, elas detêm alto potencial de influência na saúde mental dos bebês em situação de acolhimento.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Ana Celina Garcia. **Psicoterapia com crianças e adolescentes institucionalizados**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- ALLENDE, Isabel. **Contos de Eva Luna**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- ALMEIDA, S. G. C.; MORAIS, N. A. Atuação dos profissionais em acolhimentos institucionais infanto-juvenis: Revisão da literatura. *In: MAGALHÃES, C. M. C. et al. Aspectos peculiares do acolhimento institucional de crianças e adolescentes*. Curitiba: Appris, 2020. p. 277-288.
- APPELL, G.; DAVID, M. **Maternagem insólita**. São Paulo: Omnisciência, 2021.
- AREOSA, S. V. C.; FENSTERSEIFER, J. M. Doença dos nervos... afinal, que doença é esta? (representações sociais da doença dos nervos para os moradores da Vila Margarida Aurora). **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 22/23, p. 205-213, dez. 2005.
- ATHAYDE, Liselote Menz. **A representação de criança para as cuidadoras da Copame**. 2002. Monografia (Pós-Graduação em Desenvolvimento Infantil) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, D. D. et al. Terapia ocupacional social. **Rev. Ter. Ocup. Univ.**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 95-103, 2002.
- BELLESSI, Diana. **Zavalla, con z**. Rosario: Editorial Municipal de Rosario, 2012.
- BERNARDES, A. G. et al. **Cartas para pensar: Políticas de Pesquisa em Psicologia**. Vitória: EDUFES, 2014.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- BONICOSKI, O.; FENSTERSEIFER, L. M.; VIEGAS, K. Gerenciamento dos cuidados de enfermagem em uma comunidade jesuítica da Província do Brasil Meridional (BRM). *In: MANCIA, J. R.; CHAVES, S. E. Mestrado Profissional: contribuição à prática de enfermagem*. Porto Alegre: ABEn-RS, 2016. p. 57-75.
- BONIFACINO, Nahir. Avatares del devenir sujeto – Clínica psicoanalítica con tempranos. **Revista Uruguaya de Psicoanálisis**, Montevideo, n. 11, p. 58-73, 2014.
- BOWLBY, John. **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BRASIL. Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 135, p. 13563, 16 jul. 1990.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes**. Brasília: [s.n.], 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 dez. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 maio 2016.

CAMPOS, Rosana Onocko. Clínica: a palavra negada – sobre as práticas clínicas nos serviços substitutivos de Saúde Mental. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 58, p. 98-111, maio/ago. 2001.

CAVALCANTE, L. I. C.; CORRÊA, L. S. Perfil e trajetória de educadores em instituição de acolhimento infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 1, 46, p. 494-517, maio/ago. 2012.

CELIA, S. Resiliência: pele psicossocial. *In*: GUTFREIND, C. *et al.* **A obra de Salvador Celia**. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 132.

CELIA, Salvador. A capacitação da resiliência e a formação da pele psicossocial (envelope). *In*: FILHO, L. C.; CORRÊA, M. E. G.; FRANÇA, P. S. (org.). **Novos olhares sobre a Gestação e a criança até os três anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê**. Brasília: L. G. E., 2002. p. 494-502.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.

CRESPIN, Graciela. **À escuta de crianças na educação infantil**. São Paulo: Instituto Langage / FAPESP / CNPq, 2016.

DOLTO, Françoise. **Tudo é linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DUTRA, D. S. *et al.* Doença dos nervos: Sentidos e Representações. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 4-11, 2006.

FENSTERSEIFER, Jacqueline Müllich. CRECHE: um espaço narrativo. **Revista Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 26, n. 54, p. 225-231, 2008.

FRANÇA, Dirce Barroso. Do abrigo ao acolhimento: a importância dos vínculos nos cuidados institucionais. *In*: WENDLAND, J. *et al.* (org.). **Primeira infância: ideias & intervenções oportunas**. Brasília: Comissão de Valorização da Primeira Infância e Cultura da Paz, 2012. p. 215-228.

- GABATZ, R. I. B. *et al.* Formação e rompimento de vínculos entre cuidadores e crianças institucionalizadas. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 71, n. 6, p. 2808-2816, 2018.
- GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 1994.
- GOLSE, B.; AMY, G. **Bebês, maestros, uma dança das mãos**. São Paulo: Instituto Langage, 2020.
- GOLSE, Bernard. **Sobre a psicoterapia pai-bebê: narratividade, filiação e transmissão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- GUERRA, Victor. **Vida psíquica del bebé: La parentalidade y los procesos de subjetivación**. Montevideo: MASTERGRAF S. R. L., 2020.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- KAHTUNI, H. C.; SANCHES, G. P. **Dicionário sobre o pensamento de Sándor Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- LEITE, Sônia. O Psicólogo e algumas Práticas no Serviço Público Estadual de saúde. Conselho Federal de Psicologia. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 17, n. 1, p. 35-39, 1997.
- LEMONS, I. C.; SILVA, R. B. F. Cuidado de crianças em acolhimento institucional: relações afetivas e dimensão temporal. **PSI UNISC**, Santa Cruz do Sul, v. 3, p. 173-191, jun. 2019.
- LEOPARDI, Maria Tereza. **Metodologia da Pesquisa na Saúde**. Santa Maria: Pallotti, 2001.
- LOPES, R. E. *et al.* Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 15, p. 277-288, 2011.
- MACHADO, Vanessa Rombola. **Acolhimento institucional de crianças e adolescentes: A difícil implementação dos princípios do ECA**. Curitiba: CRV, 2021.
- MASCARENHAS, S. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Education, 2012.
- MENDES, R. *et al.* Pesquisa-intervenção em promoção da saúde: desafios metodológicos de pesquisar “com”. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 6, p. 1737-1745, 2016.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social – Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento – Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOLINA, Silvia Eugenia. A função estruturante dos adultos que tomam conta da criança na escola maternal. *In*: KUPFER, M. C. M. (org.) **O que os bebês provocam nos psicanalistas**. São Paulo: Escuta, 2008. p. 65-69.

NEGRET, F. A identidade e a importância dos mestrados profissionais no Brasil e algumas considerações para sua avaliação. **RBPG**, Brasília, v. 5, n. 10, p. 217-225, dez. 2008.

OMIZZOLLO, P.; SILVA, M. R. O olhar do agente educador sobre a constituição psíquica de crianças acolhidas. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 18, n. 2, p. 105-116, 2018.

OMIZZOLLO, Poliana; **Experiências de (des)continuidade e o vir a ser no abrigo: Desdobramentos a partir da teoria de D. Winnicott**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2017.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. Por uma política da narratividade. *In*: PASSOS, E; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 150-171.

SANTOS, D. S.; MISHIMA, S. M.; MERHY, E. E. Processo de trabalho na Estratégia de Saúde da Família: potencialidades da subjetividade do cuidado. **Ciênc. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 861-870, 2018.

SCHALCH, Ivelise. Do abandono ao investimento: intervenção no laço cuidador/bebê em situação de acolhimento institucional. *In*: LACERDA, E. T. (org.). **A clínica da constituição do laço: corpo-linguagem-psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2017. p. 89-106.

SILVA, A. I.; LELLIS, I. L. Perfil dos educadores / cuidadores e as atividades desenvolvidas em instituição de acolhimento. *In*: MAGALHÃES, C. M. C. *et al.* **Aspectos peculiares do acolhimento institucional de crianças e adolescentes**. Curitiba: Appris, 2020. p. 305-325.

STERN, Daniel N. **O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TARDOS, A. Autonomia e/ou dependência. *In*: FALK, J. (org.). **Abordagem Pikler: Educação Infantil**. Coleção primeira infância educar de 0 a 6 anos. São Paulo: Omnisciência, 2010. p. 50-59.

TRIVELLATO, A. J.; CARVALHO, C.; VECTORE, C. Escuta afetiva: possibilidades de uso em contextos de acolhimento infantil. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 299-307, 2013.

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa Qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. 1. ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

WEIGELT, L. D. **O Sistema Único de Saúde e os Profissionais da Saúde de Nível Universitário da rede pública de Santa Cruz do Sul – RS**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

WEIGELT, L. D.; FENSTERSEIFER, J. M.; CARNEIRO, B. S. Acolhimento institucional de crianças e adolescentes e as políticas públicas: uma análise reflexiva. *In*: AREOSA, S. V. C.; MARCON, S. R. A. (org.). **Riscos e proteção psicossocial**: trabalho, saúde mental e práticas sociais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 159-168.

WIETZCHOWSKI, Letícia. **A prata do tempo**. Porto Alegre: Artmed. 1999.

ANEXO A - Carta de Aceite da Instituição

TERMO DE CONSENTIMENTO DA INSTITUIÇÃO PARTICIPANTE



Rua Amazonas, 850 - Bom Jesus - Santa Cruz do Sul - RS
Telefone (51) 3717.9200
www.copame.org.br

Santa Cruz do Sul, 20 de novembro de 2019.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul, CEP-UNISC

Prezados Senhores,

Declaramos para os devidos fins conhecer o projeto de pesquisa intitulado: *"Cuidadores de crianças institucionalizadas: intervenção e cuidados"*, desenvolvido pela mestranda Jacqueline Müllich Fensterseifer do Mestrado Profissional em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC, sob a orientação da professora Leni Dias Weigelt e do co-orientador professor Eduardo Steindorf Saraiva, bem como os objetivos e a metodologia da pesquisa e autorizamos o desenvolvimento na Associação Comunitária Pró Amparo do Menor – COPAME, nesta cidade de Santa Cruz do Sul - RS.

Informamos concordar com o parecer ético que será emitido pelo CEP-UNISC, conhecer e cumprir as Resoluções do CNS 466/12 e 510/2016 e demais Resoluções Éticas Brasileiras. Esta instituição está ciente das suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e no seu compromisso do resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para tanto.

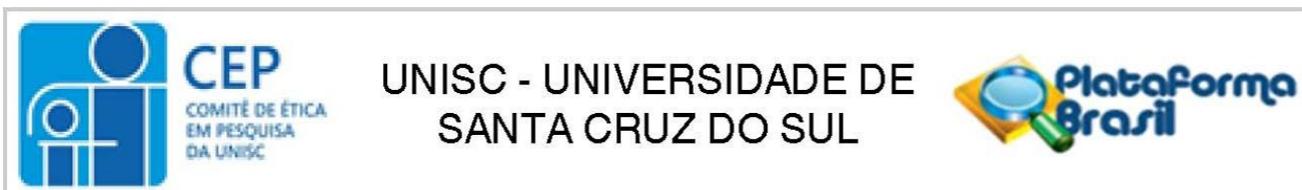
Atenciosamente,

Assinatura do Responsável Institucional

Deise Lamb
Supervisora Técnica
Copame

Carimbo da Instituição com dados funcionais

ANEXO B - Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Cuidadoras de crianças institucionalizadas: intervenção e cuidados

Pesquisador: JACQUELINE MULLICH FENSTERSEIFER **Área Temática:** **Versão:** 2 **CAAE:**

26305619.6.0000.5343 **Instituição Proponente:** Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.796.940

Apresentação do Projeto:

Projeto de dissertação da mestrandia Jacqueline Müllich Fensterseifer do Mestrado Profissional em Psicologia, que tem como orientadora a professora doutora Leni Dias Weigelt e o co-orientador professor doutor Eduardo Steindorf Saraiva.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: Caracterizar as relações interpessoais e de cuidado estabelecidos pela díade cuidador/bebê em uma instituição de acolhimento de crianças e adolescentes em um município da região Sul do Brasil.

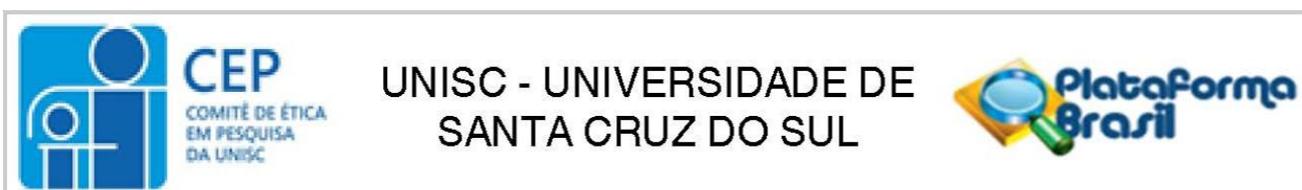
Objetivos específicos

-Descrever a rotina dos cuidados diários das cuidadoras;

-Mapear as principais dificuldades e facilidades das cuidadoras na prática diária com os bebês;

-Orientar com fundamento psicopedagógico, através do produto técnico elaborado pela autora denominado como Infográfico / Régua de Indicadores de Desenvolvimento dos Bebês as práticas de cuidados da díade cuidador /bebê;

-Produzir material didático pedagógico para as oficinas de capacitação das cuidadoras abordando o crescimento e desenvolvimento dos bebês.



Avaliação dos Riscos e Benefícios: Claros e presentes.

Riscos:

Alguns desconfortos e constrangimentos que possam acontecer durante a entrevista ao falarem sobre sua rotina diária com a cuidadora lembrando momentos difíceis, dificuldades enfrentadas.

Benefícios:

Benefícios futuros para a área da saúde poderão acontecer, tais como: melhorias no desempenho profissional como cuidador de bebês.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a área da saúde.

Os sujeitos deste estudo serão todas as cuidadoras dos bebês da casa de acolhimento que trabalham no turno da manhã e da tarde; o turno da noite devido a sua rotina diferenciada não participará desta pesquisa.

Esta participação será efetivada após a leitura e concordância do termo de consentimento Livre e esclarecido concordarão ou não em sua participação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Carta de apresentação: Ok;

Carta de aceite: Ok;

Folha de rosto: Ok;

Projeto: Ok;

Orçamento: Ok;

TCLE: com pendências.

Recomendações:

TCLE: ajustar seguintes itens:

-Incluir informações sobre as oficinas de capacitação para que as cuidadoras que estejam cientes sobre essas oficinas.

Informações básicas: ajustar seguintes itens:

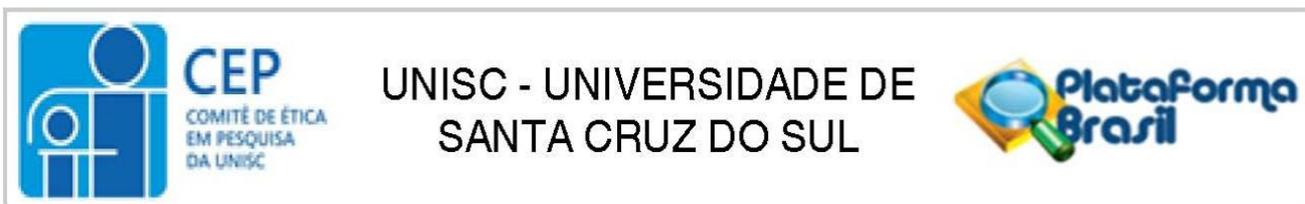
Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1476852.pdf	18/12/2019 09:14:17		Aceito
Outros	cartaRESPOSTApendencia.pdf	18/12/2019 09:13:20	JACQUELINE MULLICH FENSTERSEIFER	Aceito
Orçamento	orcamentoALTERACOES.pdf	18/12/2019 08:43:35	JACQUELINE MULLICH FENSTERSEIFER	Aceito

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoALTERACOES.pdf	18/12/2019 08:42:46	JACQUELINE MULLICH FENSTERSEIFER	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termocleALTERACOES.pdf	18/12/2019 08:41:29	JACQUELINE MULLICH FENSTERSEIFER	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	27/11/2019 09:28:46	JACQUELINE MULLICH FENSTERSEIFER	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	22/11/2019 19:43:35	Leni Dias Weigelt	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	cartaceiteinstituicao.pdf	21/11/2019 23:39:38	JACQUELINE MULLICH FENSTERSEIFER	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termoconsen.pdf	21/11/2019 23:39:15	JACQUELINE MULLICH FENSTERSEIFER	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetojmf.pdf	21/11/2019 23:38:34	JACQUELINE MULLICH FENSTERSEIFER	Aceito
Declaração de Pesquisadores	cartapresentacao.pdf	21/11/2019 23:38:11	JACQUELINE MULLICH FENSTERSEIFER	Aceito

-Orçamento: apresentar o mesmo orçamento que apresentado no arquivo separado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram realizadas.



Continuação do Parecer: 3.796.94

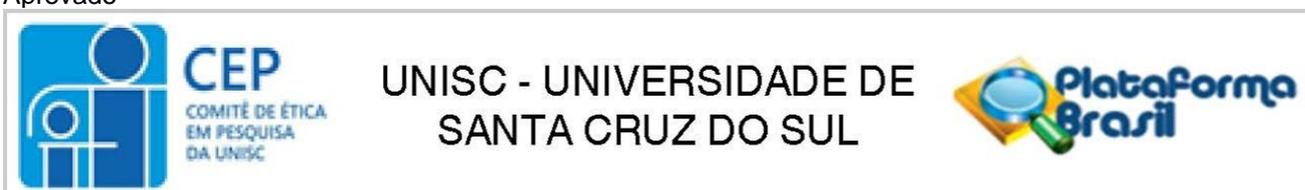
Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado e em condições de ser executado conforme documentos anexados à Plataforma Brasil e validados pelo CEP-UNISC. Rever recomendações.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Situação do Parecer:

Aprovado



Continuação do Parecer: 3.796.940

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA CRUZ DO SUL, 09 de janeiro de 2020
Assinado por: Renato Nunes (Coordenador(a))

ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA: “Cuidadoras de crianças institucionalizadas: intervenção e cuidados”

Prezado senhor/Prezada senhora

O/A senhor/a está sendo convidado/a para participar como voluntário do projeto de pesquisa intitulado “Cuidadoras de crianças institucionalizadas: intervenção e cuidados”. Esse projeto é desenvolvido por mestranda e orientadora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade de Santa Cruz do Sul, do Mestrado Profissional em Psicologia, da Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, e é importante porque pretende “caracterizar as relações interpessoais e de cuidado estabelecidos pela díade cuidador/bebê em uma instituição de acolhimento de crianças e adolescentes em um município da região Sul do Brasil”. Para que isso se concretize, o senhor/a será contatado/a pela pesquisadora para responder a um questionário semiestruturado, com duração em torno de 30 minutos, que será gravado; e será observado/a pela pesquisadora nos momentos de trocas de fraldas, banho e alimentação dos bebês. Nessa condição, é possível que alguns desconfortos, constrangimentos aconteçam, como é o caso, por exemplo de falar de momentos difíceis, dificuldades enfrentadas por você na prática de cuidados diários. Por outro lado, se você aceitar participar dessa pesquisa, benefícios futuros para a área da saúde poderão acontecer, tais como: melhorias no desempenho profissional como cuidador de bebês. Para participar dessa pesquisa você não terá nenhuma despesa com transporte, alimentação, exames, materiais a serem utilizados ou despesas de qualquer natureza.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu,
_____ declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado/a, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que serei submetido, dos riscos,

desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados. Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de minha imagem e voz de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que eu não possa ser identificado através desses instrumentos (imagem e voz).

Fui, igualmente, informado/a:

a) da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;

b) da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;

c) da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;

d) do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;

e) da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa; e,

f) de que se existirem gastos para minha participação nessa pesquisa, esses serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O pesquisador responsável por este Projeto de Pesquisa / Intervenção é a mestrande Jacqueline Müllich Fensterseifer (Fone 51 999981195) e orientadora

Leni Dias Weigelt (Fone 51 999945620). O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (051) 3717-7680.

Local: _____ Data ____ / ____ / ____

Nome e assinatura do/a voluntário/a

Nome e assinatura do responsável pela apresentação desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**ANEXO D - Comprovante da Submissão do Artigo para a
Revista Ciência & Saúde Coletiva**

Ciência & Saúde Coletiva - Manuscript ID CSC-
2020-4327

Caixa de entrada

Ciência & Saúde Coletiva <onbehalfof@manuscriptcentral.com>
23:26 (há 3 dias)

para mim, lenid

Dear Mrs. Fensterseifer:

Your manuscript entitled "**Cuidadoras de crianças institucionalizadas: uma reflexão sobre o cuidar**" has been successfully submitted online and is presently being given full consideration for publication in the *Ciência & Saúde Coletiva*.

Your manuscript ID is CSC-2020-4327.

Please mention the above manuscript ID in all future correspondence or when calling the office for questions. If there are any changes in your street address or e-mail address, please log in to Scholar One Manuscripts at <https://mc04.manuscriptcentral.com/csc-scielo> and edit your user information as appropriate.

You can also view the status of your manuscript at any time by checking your Author Center after logging in to <https://mc04.manuscriptcentral.com/csc-scielo>.

Thank you for submitting your manuscript to the *Ciência & Saúde Coletiva*.

Sincerely,
Ciência & Saúde Coletiva Editorial Office

ANEXO E - Atestado de horas na instituição onde a pesquisa foi realizada

Rua Amazonas, 830 - Bom Jesus - Santa Cruz do Sul - RS
Telefone (51) 3717.9200
www.copame.org.br

Santa Cruz do Sul, 22 de outubro de 2021.

ATESTADO

Eu, **Deise Carvalho Lamb**, Supervisora Técnica da COPAME, atesto para os devidos fins que **Jacqueline Müllich Fensterseifer**, mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* - Mestrado Profissional em Psicologia, da Universidade de Santa Cruz do Sul -, desenvolveu atividades de pesquisa e intervenção nesta instituição de acolhimento - como reuniões virtuais, entrevistas com as cuidadoras, observação participante e capacitações para as cuidadoras, no período de março de 2020 até agosto de 2021, perfazendo um total de 90 horas.

Atenciosamente,

Assinatura da Responsável Institucional

Deise Lamb
Supervisora Técnica
Copame

ANEXO F – Conto Duas Palavras

“Tinha o nome de Belisa Crepusculario, não por fé de batismo ou escolha de sua mãe, mas porque ela própria o procurou até o encontrar e com ele se ataviou. Percorria o país, desde as regiões mais altas e frias até às costas quentes, instalando-se nas feiras e nos mercados, onde montava quatro paus com um toldo de linho, debaixo do qual se protegia do sol e da chuva para atender a clientela. Não precisava de apregoar a mercadoria, porque de tanto caminhar por aqui e por ali todos a conheciam. Havia os que a aguardavam de um ano para o outro e quando aparecia na aldeia com a trouxa debaixo do braço faziam fila em frente da sua barraca. Vendia a preços justos. Por cinco centavos entregava versos de memória, por sete melhorava a qualidade dos sonhos, por nove escrevia cartas de namorados, por doze inventava insultos para inimigos irreconciliáveis. Também vendia contos, mas não eram contos de fantasia, mas longas histórias verdadeiras que recitava de enfiada sem saltar nada. Assim levava as notícias de uma aldeia para outra. As pessoas pagavam-lhe por juntar uma ou duas linhas: nasceu um menino, morreu Fulano, casaram-se os nossos filhos, queimaram-se as colheitas. Em cada lugar juntava-se uma pequena multidão à sua volta para ouvi-la quando começava falar e assim se inteiravam das vidas dos outros, dos parentes que viviam longe, dos pormenores da guerra civil. A quem lhe comprasse cinquenta centavos, dava de presente uma palavra secreta para afugentar a melancolia. Não era a mesma para todos, certamente, porque isso teria sido um engano coletivo. Cada um recebia a sua com a certeza de que ninguém mais a empregava para esse fim no universo inteiro e para lá dele.

Belisa Crepusculario nascera numa família tão miserável que nem sequer possuía nomes para chamar aos filhos. Veio ao mundo e cresceu na região mais inóspita, onde alguns anos as chuvas se transformam em avalanchas de água que arrastam tudo e noutros não cai nem uma gota do céu, o sol aumenta até ocupar o horizonte por inteiro e o mundo torna-se um deserto. Até completar 11 anos não teve outra ocupação nem virtude senão sobreviver à fome e à fadiga dos séculos. Durante uma seca interminável coube-lhe enterrar quatro irmãos menores e, quando compreendeu que

chegava a sua vez, decidiu começar a andar pelas planícies em direção ao mar, a ver se, na viagem, conseguia enganar a morte. A terra estava escaldada, partida em gretas profundas, semeada de pedras, fósseis de árvores e de arbustos espinhosos, esqueletos de animais, embranquecidos pelo calor. De vez em quando deparava com famílias que, como ela, seguiam até ao Sul seguindo a miragem da água. Alguns tinham iniciado a caminhada levando os seus haveres ao ombro ou em carrinhos de mão, mas mal podiam mover os próprios ossos e ao fim de pouco caminhar acabavam por abandonar as suas coisas. Arrastavam-se penosamente, com a pele feita couro de lagarto e os olhos queimados pela reverberação da luz. Belisa saudava-os com um gesto ao passar, mas não parava, porque não podia gastar as suas forças em exercícios de compaixão. Muitos caíram pelo caminho, mas ela era tão teimosa que conseguiu atravessar o inferno e, por fim, chegar aos primeiros mananciais, finos fios de água, quase invisíveis, que alimentavam uma vegetação raquítica e que mais adiante se transformavam em riachos e pântanos.

Belisa Crepusculario salvou a vida e, além disso, descobriu a escrita por acaso. Ao chegar a uma aldeia nas proximidades da costa, o vento pôs-lhe aos pés uma folha de um jornal. Pegou naquele papel amarelo e quebradiço, esteve longo tempo a observá-lo sem adivinhar o seu uso, até que a curiosidade pôde mais que a timidez. Aproximou-se de um homem que lavava um cavalo no mesmo charco turvo onde ela saciara a sede. — Que é isto? — perguntou. — A página desportiva de um jornal — respondeu o homem sem dar mostras de espanto pela sua ignorância. A resposta deixou a rapariga atônita, mas não quis parecer atrevida, limitou-se a perguntar o significado das patinhas de mosca desenhadas sobre o papel. — São palavras, menina. Aí diz-se que Fulgêncio Barba derrubou o negro Tiznao ao terceiro assalto.

Nesse dia Belisa Crepusculario soube que as palavras andam soltas, sem dono, e que qualquer um com um pouco de manha pode agarrá-las para vendê-las. Considerou a sua situação e concluiu que além de se prostituir ou empregar-se como criada nas cozinhas dos ricos, poucas eram as ocupações

que podia desempenhar. Vender palavras pareceu-lhe uma alternativa decente. A partir desse momento exerceu tal profissão e nunca se interessou por outra. A princípio oferecia a sua mercadoria sem suspeitar que as palavras podiam também escrever-se fora dos jornais. Quando soube isso calculou as infinitas perspectivas do negócio, com as suas poupanças pagou vinte pesos a um padre para lhe ensinar a ler e escrever e com os três que lhes sobraram comprou um dicionário. Leu-o de A a Z e depois atirou-o ao mar porque não era sua intenção cansar os clientes com palavras enlatadas.

Vários anos depois, numa manhã de agosto, estava Belisa Crepusculario no meio de uma praça, sentada debaixo do toldo a vender argumentos de justiça a um velho que solicitava a sua pensão há dezessete anos. Era dia de mercado e havia muito bulício à sua volta. Ouviram-se golpes e gritos, ela levantou os olhos da escrita e viu primeiramente uma nuvem de pó e, em seguida, um grupo de cavalos que dela saiu. Tratava-se dos homens do Coronel, comandados pelo Mulato, um gigante conhecido em toda a região pela rapidez da sua faca e pela lealdade para com o chefe. Ambos, o Coronel e o Mulato, tinham passado a vida ocupados com a guerra civil e os seus homens estavam irremediavelmente unidos ao malefício e à calamidade. Os guerreiros entraram na aldeia como um rebanho em fuga, envoltos em ruído, banhados de suor e deixando atrás de si os destroços de um furacão. As galinhas desapareceram a voar, os cães largaram a correr, as mulheres abalaram com os filhos e não ficou no local do mercado viva alma a não ser Belisa Crepusculario, que nunca tinha visto o Mulato e que por isso mesmo estranhou que ele se lhe dirigisse. — Procuro-te — gritou, apontando-a com o chicote enrolado e, antes que acabasse de dizer isto, dois homens caíram em cima da mulher atropelando o toldo e partindo o tinteiro, amarraram-lhe os pés e as mãos e puseram-na atravessada como um fardo de marinheiro sobre a garupa do cavalo do Mulato. Depois começaram a galopar em direção às colinas. Horas mais tarde, quando Belisa Crepusculario estava quase a morrer com o coração transformado em areia pelas sacudidelas do cavalo, sentiu que paravam e que quatro mãos poderosas a punham em terra. Tentou pôr-se de pé e levantar a cabeça com dignidade, mas faltaram-lhe as forças e caiu com

um suspiro, afundando-se num sono pesado. Despertou várias horas depois com o murmúrio da noite no campo, mas não teve tempo de decifrar esses ruídos porque ao abrir os olhos viu na sua frente o olhar impaciente do Mulato, ajoelhado a seu lado. — Finalmente acordas, mulher — disse, estendendo-lhe o cantil para que bebesse um gole de aguardente com pólvora a acabasse de recuperar a vida. Ela quis saber a causa de tantos maus tratos e ele explicou-lhe que o Coronel necessitava dos seus serviços. Deixou-a molhar a cara e depois a levou até um dos extremos do acampamento, onde o homem mais temido do país repousava numa rede pendurada entre duas árvores. Ela não conseguiu ver-lhe o rosto, porque ele tinha em cima a sombra incerta da folhagem e a sombra indelével de muitos anos a viver como um bandido, mas imaginou que devia ter uma expressão viciosa uma vez que o seu gigantesco ajudante se dirigia a ele com tanta humildade.

A voz dele surpreendeu-a, suave e bem modulada como a de um professor.

— És tu a que vende palavras? — perguntou. — Ao teu serviço — balbuciou ela, procurando enxergá-lo na penumbra. O Coronel pôs-se de pé e a luz da tocha que o Mulato levava iluminou-lhe a cara. A mulher viu a sua pele escura e os seus ferozes olhos de puma e percebeu logo que estava em frente do homem mais solitário deste mundo. — Quero ser presidente — disse ele. Estava cansado de percorrer aquela terra maldita em guerras inúteis e derrotas que nenhum subterfúgio podia transformar em vitórias. Passara muitos anos a dormir à intempérie, picado por mosquitos, alimentando-se de iguanas e sopa de cobra, mas esses inconvenientes menores não eram razão suficiente para lhe mudar o destino. O que em verdade o enfadava era o terror nos olhos dos outros. Desejava entrar nas aldeias debaixo de arcos de triunfo, entre bandeiras de cores e flores, que o aplaudissem e lhe dessem de presente ovos frescos e pão acabado de sair do forno. Estava farto de ver como os homens fugiam à sua passagem, as mulheres abortavam de susto e tremiam as crianças, por isso decidira ser presidente. O Mulato sugeriu-lhe que fossem à capital e entrassem a galope no palácio para se apoderarem do governo, como

tomaram tantas outras coisas sem pedir autorização, mas ao Coronel não interessava tornar-se noutra tirano, desses já tinha havido bastantes por ali e, além disso, dessa maneira não conseguiria o afeto das pessoas. A sua ideia consistia em ser eleito por votação popular nos comícios de dezembro. — Para isso tenho de falar como um candidato. Podes vender-me as palavras para um discurso? — perguntou o Coronel a Belisa Crepusculario. Ela já tinha aceitado muitas encomendas, mas nenhuma como essa, no entanto não pôde negar-se, receando que o Mulato lhe enfiasse um tiro entre os olhos ou, pior ainda, que o Coronel desatasse a chorar. Por outro lado, teve vontade de o ajudar, porque sentiu uma palpitação quente na sua pele, um desejo poderoso de tocar naquele homem, de percorrê-lo com as mãos, de apertá-lo entre os seus braços.

Toda a noite e boa parte do dia seguinte esteve Belisa Crepusculario à procura no seu repertório das palavras apropriadas para um discurso presidencial, vigiada de perto pelo Mulato, que não tirava os olhos das suas firmes pernas de caminhante e dos seus seios virginais. Retirou as palavras ásperas e secas, as demasiado floridas, as que estavam descoloridas pelo abuso, as que ofereciam promessas improváveis, as que careciam de verdade e as confusas, para ficar apenas com aquelas capazes de tocar com certeza o pensamento dos homens e a intuição das mulheres. Fazendo uso dos conhecimentos comprados ao padre por vinte pesos, escreveu o discurso numa folha de papel e fez logo sinais ao Mulato para desatar a corda com a qual a tinha amarrado pelas canelas a uma árvore. Levaram-na novamente ao Coronel e ao vê-lo tornou a sentir a mesma ansiedade palpitante do primeiro encontro. Deu-lhe o papel e esperou, enquanto ele a olhava segurando-o com a ponta dos dedos. — Que porra diz isto aqui? — perguntou por fim. — Não sabes ler? — O que sei fazer é a guerra — respondeu ele. Ela leu em voz alta o discurso. Leu-o três vezes, para que o seu cliente pudesse gravá-lo na memória. Quando terminou viu a emoção no rosto dos homens da tropa que se haviam juntado para escutá-la e notou que os olhos amarelos do Coronel brilhavam de entusiasmo, certo de que com essas

palavras a cadeira presidencial seria sua.

— Se, depois de ouvirem três vezes, os rapazes continuam de boca aberta, é

porque esta droga serve, Coronel — aprovou o Mulato.

— Quanto te devo pelo teu trabalho, mulher? — perguntou o chefe.

— Um peso, Coronel.

— Não é caro — disse ele, abrindo a bolsa que trazia pendurada do cinturão com os restos do último saque.

— Além disso, tens direito a uma prenda, a duas palavras secretas — disse

Belisa Crepusculario.

— Como é isso?

Ela começou a explicar-lhe que, por cada cinquenta centavos que um cliente pagava, oferecia-lhe uma palavra de uso exclusivo. O chefe encolheu os ombros, porque não tinha o menor interesse na oferta, mas não quis ser indelicado com quem o servira tão bem. Ela aproximou-se devagar do tamborete de cabedal onde ele estava sentado e inclinou-se para lhe dar a sua prenda. Então o homem sentiu o cheiro de animal montês que saía daquela mulher, o calor de incêndio irradiado pelas ancas, o roçar terrível dos seus cabelos, o perfume de hortelã-pimenta sussurrando-lhe ao ouvido as duas palavras secretas a que tinha direito.

— São tuas, Coronel — disse, ao retirar-se. — Podes usá-las como quiseres.

O Mulato acompanhou Belisa até à beira do caminho, sem deixar de olhá-la com olhos suplicantes de cão perdido, mas quando estendeu a mão para lhe tocar, ela deteve-o com um chorrilho de palavras inventadas que tiveram a virtude de lhe espantar o desejo, porque julgou tratar-se de alguma maldição irrevogável.

Nos meses de Setembro, Outubro e Novembro, o Coronel pronunciou o seu discurso tantas vezes, que se não fosse feito com palavras refulgentes e duradoiras o uso tê-lo-ia transformado em cinza. Correu o país em todas as direções, entrando nas cidades com ar triunfai e detendo-se também nas aldeias mais esquecidas, lá onde só o rasto do lixo indicava a presença humana, para convencer os eleitores a votarem nele. Enquanto falava em cima de um estrado no centra da praça, o Mulato e os seus homens distribuíam caramelos e pintavam o seu nome com tinta dourada nas paredes, mas ninguém prestava atenção a esses recursos de mercador, porque estavam

deslumbrados pela claridade das suas propostas e pela lucidez poética dos seus argumentos, contagiados pelo seu desejo tremendo de corrigir os erros da história e alegres pela primeira vez na sua vida. Ao terminar a arenga do candidato, a tropa dava tiros de pistola para o ar e acendia petardos e, quando por fim se retiravam, ficava atrás um rasto de esperança que permanecia muitos dias no ar, como a recordação magnífica de um cometa. Imediatamente o Coronel se tornou o político mais popular. Era um fenómeno nunca visto, aquele homem surgido da guerra civil, cheio de cicatrizes, falando como um catedrático, cujo prestígio se espalhava pelo território nacional comovendo o coração da pátria. A imprensa ocupava-se dele. Os jornalistas viajaram de longe para o entrevistar e repetir as suas frases, e assim cresceu o número dos seus seguidores e inimigos. — Estamos a ir bem, Coronel! — disse o Mulato ao completarem-se doze semanas de êxito. Mas o candidato não o ouviu. Estava a repetir as suas duas palavras secretas, como fazia, cada vez com mais frequência. Dizia-as quando abrandava a nostalgia, murmurava-as adormecido, levava-as consigo no cavalo, pensava-as antes de pronunciar o seu célebre discurso e surpreendia-se a saboreá-las nos momentos descuidados. E em todas as ocasiões em que essas duas palavras lhe vinham à mente evocava a presença de Belisa Crepusculario e excitavam-se-lhe os sentidos com a recordação do cheiro montês, o calor de incêndio, o roçar terrível e o perfume de hortelã-pimenta, até que começou a andar como um sonâmbulo e os seus homens compreenderam que se lhe tinha acabado a vida antes de alcançar a cadeira dos presidentes. — Que se passa contigo, Coronel? — perguntava-lhe muitas vezes o Mulato, até que por fim, um dia, o chefe não aguentou mais e confessou-lhe que a razão do seu ânimo eram as duas palavras que trazia cravadas no ventre. — Diz-me essas palavras, para ver se perdem o seu poder — pediu-lhe o fiel ajudante. — Não te direi, são só minhas — replicou o Coronel. Cansado de ver o chefe a definhar como um condenado à morte, o Mulato pôs a espingarda ao ombro e partiu à procura de Belisa Crepusculario. Seguiu as suas pegadas por toda a vasta geografia até a encontrar numa aldeia do Sul,

instalada debaixo do toldo do seu ofício, contando o rosário de notícias. Ficou à sua frente com as pernas abertas, empunhando a arma. — Vem comigo — ordenou. Ela estava à sua espera. Guardou o tinteiro, dobrou o pano da barraca, pôs o xale pelos ombros e, em silêncio, subiu para a garupa do cavalo. Não trocaram nem um gesto em todo o caminho, porque o desejo que o Mulato sentia por ela se tornara raiva e só o medo que a sua língua lhe inspirava o impedia de destroçá-la a chicotadas, nem estava disposto a dizer que o Coronel andava aparvalhado, e que aquilo que tantos anos de batalha não haviam logrado, conseguiu-o um encantamento sussurrado ao ouvido. Três dias depois, chegado ao acampamento, levou de imediato a sua prisioneira até ao candidato, diante de toda a tropa. — Coronel, trouxe-te esta bruxa para que lhe devolvas as suas palavras e para ela te devolver a hombridade — disse, apontando o cano da espingarda à nuca da mulher. O Coronel e Belisa Crepusculario olharam-se longamente, medindo-se à distância. Os homens compreenderam então que o seu chefe já não podia desfazer-se do feitiço das suas palavras endemoninhadas, porque todos puderam ver os olhos carnívoros do puma tornarem-se mansos quando ele avançou e lhe pegou na mão.”

(Excerto do livro CONTOS DE EVA LUNA de Isabel Allende, 1989, p. 13 a 21)

APÊNDICE A - Entrevista Semiestruturada

TÍTULO DA PESQUISA: “Cuidadoras de crianças institucionalizadas:
intervenção e cuidados”

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Idade:_____ Sexo:_____

Formação profissional:_____

Turno que trabalha nesta instituição de acolhimento de bebês:_____

Tempo de serviço nesta instituição de acolhimento de bebês:_____

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Descreva como é sua experiência na *rotina de cuidados* diários dos bebês nesta instituição.
2. Descreva como é sua experiência no momento de *troca de fraldas* dos bebês desta instituição.
3. Descreva como é sua experiência no momento da *alimentação* dos bebês desta instituição.
4. Descreva como é sua experiência no momento do *banho* dos bebês desta instituição.
5. Descreva quais são as *dificuldades* que você vivencia em sua atividade diária de cuidados dos bebês desta instituição.
6. Descreva quais são as *facilidades* que você vivencia em sua atividade diária de cuidados dos bebês desta instituição.

Dia:_____

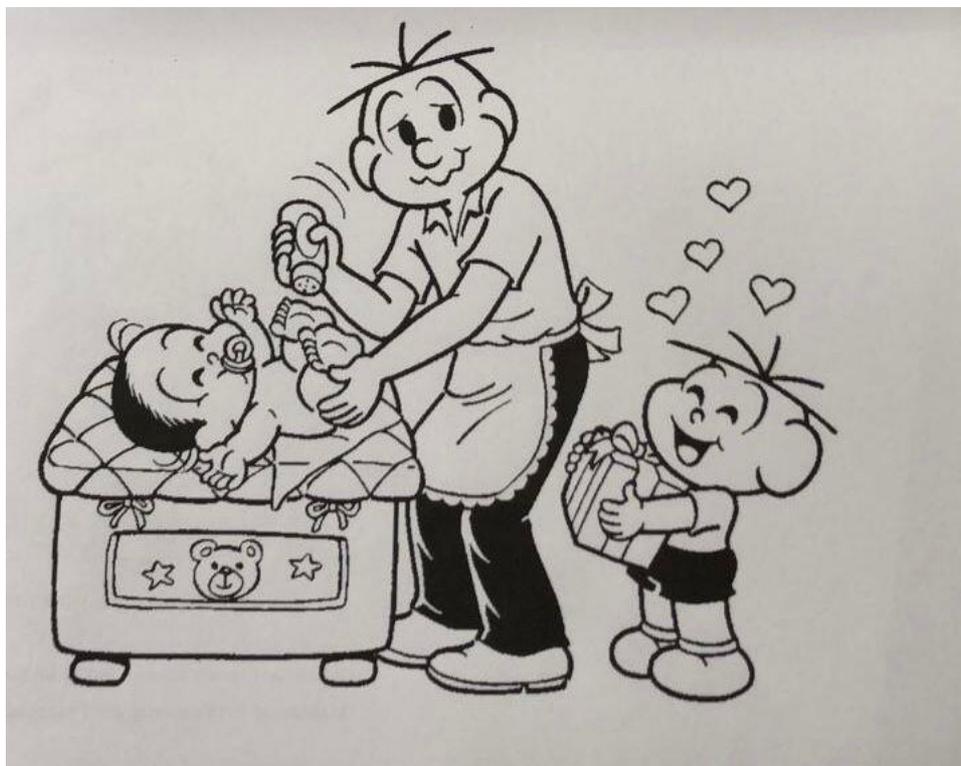
Local da entrevista semiestruturada:_____

APÊNDICE B - Carta para as cuidadoras (12 de agosto de 2020)

Olá cuidadora_____

Partindo da premissa de que a experiência é um processo subjetivo, a convido para colorir a imagem e pensar na experiência da troca de fraldas.

A saúdo com alegria e desejo de boa atividade...Jacqueline M F

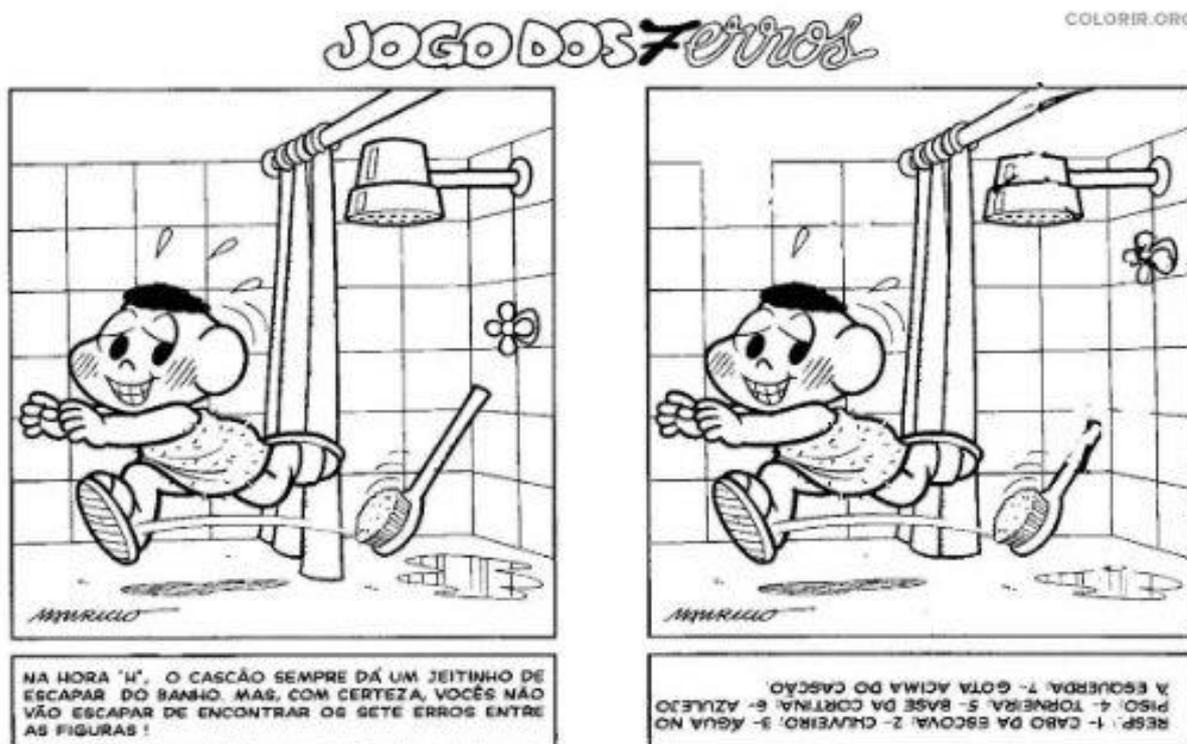


APÊNDICE C - Carta para as cuidadoras (26 de agosto de 2020)

Olá cuidadora _____

Partindo da premissa de que a experiência é um processo subjetivo, a convido para colorir a imagem, descobrir os sete erros e pensar sobre o banho que dá nos bebês que estão sob seus cuidados.

A saúdo com alegria e desejo de boa atividade...Jacqueline M F



APÊNDICE D - Carta para as cuidadoras (09 de setembro de 2020)

Olá cuidadora _____

Partindo da premissa de que a experiência é um processo subjetivo, a convido para colorir a imagem e pensar no momento da alimentação que vivencias em tuas atividades diárias.

A saúdo com alegria e desejo de boa atividade...Jacqueline M F



APÊNDICE E - Carta para as cuidadoras (23 de setembro de 2020)

Olá cuidadora_____

Esta é nossa última carta. Afinal de forma lúdica você trabalhou vários momentos dos cuidados diários que você realiza junto aos bebês. Então hoje, a convido para colorir as imagens e fazer as palavras cruzadas abaixo, e pensar em quais experiências foram suscitadas.

A saúdo com alegria e desejo de boa atividade...Jacqueline M F

Palavras Cruzadas

*** VERTICAL**

1.  ...um momento relaxante para o bebê.

3. Cálculos no bebê.

5. É o momento de abscisão e crescimento das unhas.

 ...as crianças um pouco maiores, já sabem para se divertir.

7. Jogos para fazer as crianças após o banho.

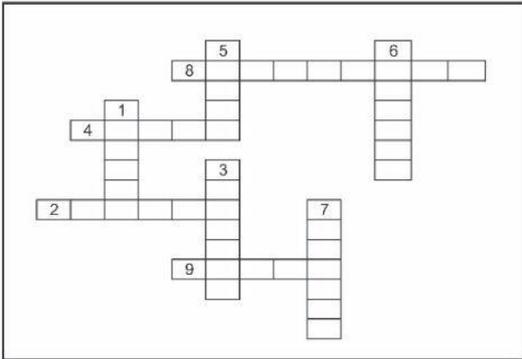
*** HORIZONTAL**

2.  ...uma ação necessária a todos nós.

4.  ...por vezes os bebês utilizam para se acalmar.

6. É necessário o _____ para preferência a outras crianças.

8. Necessários para dar banho.



APÊNDICE F - Carta para professores e colegas (12 de agosto de 2020)

Olá colegas e professores!

Partindo da premissa de que a experiência é um processo subjetivo, os convido para fazer estas palavras cruzadas e colorir as imagens.

Os saúdo com alegria e desejo de boa atividade...Jacqueline M F

HORIZONTAL

1. “É o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” (BONDÍA, 2002, p.21)
5. É sinônimo de único.
7. É um processo através do qual a presença do observador no cenário cultural ao qual está inserida a pesquisa, lhe concede a possibilidade de ser considerado como parte “do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto.” (MINAYO, 2014, p. 274)
9. “O conceito de impacto está relacionado diretamente com sua utilização.” (NEGRET, 2008, p. 221)

VERTICAL

2. “Atuar com coerência na busca de uma transformação da sociedade.” (NEGRET, 2008, p.219)
3. “A formação da sexualidade infantil é obtida por derivação, a partir do apego que se caracteriza aqui como onda portadora das relações entre a criança e o adulto, parasitada, de certa forma, pela sedução.” (DEJOURS, 2019, p. 164)
4. “Sua proposta inicial é o empoderamento da mulher negra no enfrentamento ao racismo estrutural visando a qualidade de saúde mental.” Em nosso meio temos uma colega que o criou e o fundou.
6. É sinônimo de singular.

8. “A psicanálise, ao tentar compreender a complexidade do comportamento humano - individual, grupal, real, fantasiado, regido por diferentes e misteriosas configurações expressivas de impulsos e defesas, de desejos instintivos e angústias, de relações objetais e conflitos - depara-se com o inconsciente e suas leis, que são distintas das leis do pensamento lógico.” (ALBORNOZ, 2006, p. 46) 10. Adultos que através de suas ações, “formam uma pele protetora, contingente, que conseguem dar proteção, segurança.” (CELIA, 2002, p. 496)



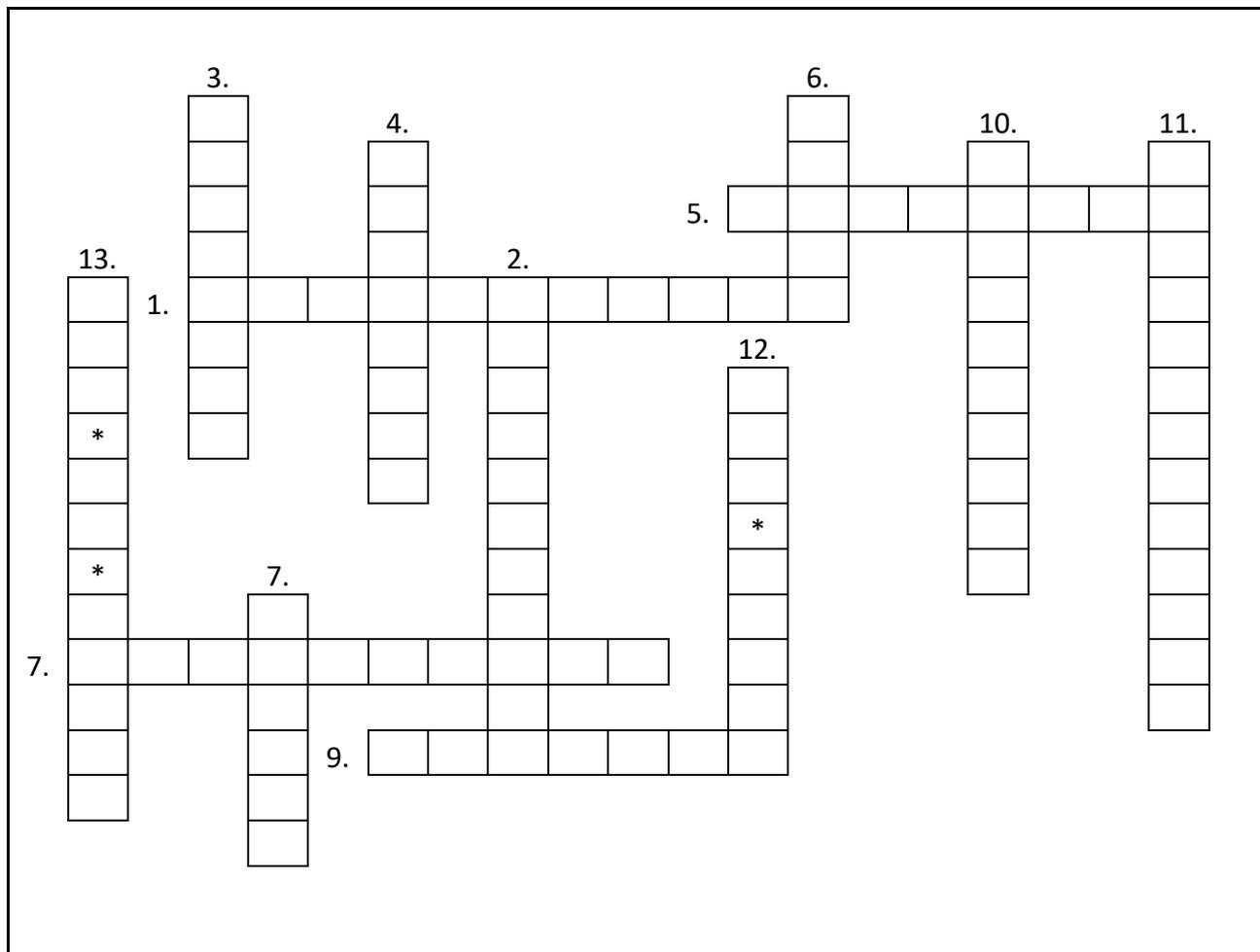
11



12



13



APÊNDICE G - Produto Técnico (Material Didático)**LIVRO PARADIDÁTICO: Cultivar Cuidados**

Devido a extensão deste arquivo (LIVRO) ele será enviado em outro anexo.

APÊNDICE H – Régua de Desenvolvimento

RÉGUA DE INDICADORES DE
DESENVOLVIMENTO
dos bebês

Bebê de 0-3 meses

Escuta o meio a sua volta, chora, sorri, balbucia, movimenta-se lentamente explorando o espaço a sua volta.

Bebê de 3-6 meses

Sorri quando está bem, chora quando se sente incomodado e busca consolo. Através de sua agitação motora demonstra que gosta de determinadas ações que os adultos a sua volta fazem.

Bebê de 6-9 meses

Já responde quando seu nome é mencionado; pode chorar diante de estranhos, principalmente ao se separar de seus pais. Inicia-se aqui a referência social. Aos poucos é capaz de caminhar si mesmo chupando o dedo ou abraçando um papinho (comumente chamado de chéirinha) ou seu brinquedo favorito.

Bebê de 9-12 meses

Já consegue estar só na companhia de um adulto, interagindo-se com livros e brinquedos apropriados a sua idade. Já é capaz de demonstrar sentimentos de tristeza e alegria, bem como sabe / confia que suas necessidades serão atendidas. Nota-se a presença da sintonia afetiva.

PAIS / CUIDADORES

- Podem acalmar com alhares, abraços consoladores e sorrisos;
- Ouvir as protoconversações do bebê, iniciando os jogos de "cara a cara" e "imitação";
- Traduzir os movimentos corpóreos do bebê em palavras.

PAIS / CUIDADORES

- Trocar sorrisos e risadas com seus bebês;
- Manter a rotina nos momentos de troca, banho e alimentação;
- Apresentar jogos que envolvem microritmos.

PAIS / CUIDADORES

- Continuar a cantar, ler e conversar com seu bebê de forma suave e doce;
- Apresentar ao seu bebê um objeto-tutor para os momentos de separação física.
- Observar as necessidades do bebê e buscar atendê-las.

PAIS / CUIDADORES

- Incentivar que seu bebê explore o ambiente a sua volta, lhe permitindo estar em segurança.
- Nomear alguns sentimentos ao seu bebê, como de tristeza, preocupação, felicidade entre outros.

APÓS O 1º ANO

Bebê de 12-18 meses

Iniciam-se as protodeclarações (conversas e nomeações) quando se sente seguro, junto daqueles que o estimam, bem como se faz presente uma consciência reflexiva. Já consegue "administrar" bem as mudanças súbitas na rotina diária. Explora com curiosidade tudo que lhe for apresentado, o marcha é segura e firme.

Bebê de 18-24 meses

A curiosidade em explorar brinquedos e lugares novos se faz notar; ri alto diante de situações prazerosas; através de palavras aprendidas se comunica de forma mais clara; diante de lugares desconhecidos pode ficar mais tímido.

Bebê de 24-30 meses

A linguagem e a marcha já estão bem desenvolvidas. Fica feliz com brinquedos e jogos simples, bem como com livros infantis. Por vezes em lugares desconhecidos pode se mostrar tímido.

Bebê de 30-36 meses

É capaz de ficar só de forma independente das adultos que o cercam; em lugares conhecidos, ou que lhe são familiares se separa facilmente de seus pais ou cuidadores; aos poucos é capaz de reparar brinquedos, livros, jogos e por vezes até alimentos.

PAIS / CUIDADORES

- Antecipar os acontecimentos como passeios, visitas, bem como no os eventos diários através de palavras.
- Ler e cantar para o bebê;

PAIS / CUIDADORES

- Comemorar as conquistas diárias de seu bebê quando ele caminha um pouco mais firme, quando consegue segurar melhor um objeto e principalmente quando sente que seu bebê os compreende, batendo palmas, cantando ou apenas fazer um olhar de aprovação.

PAIS / CUIDADORES

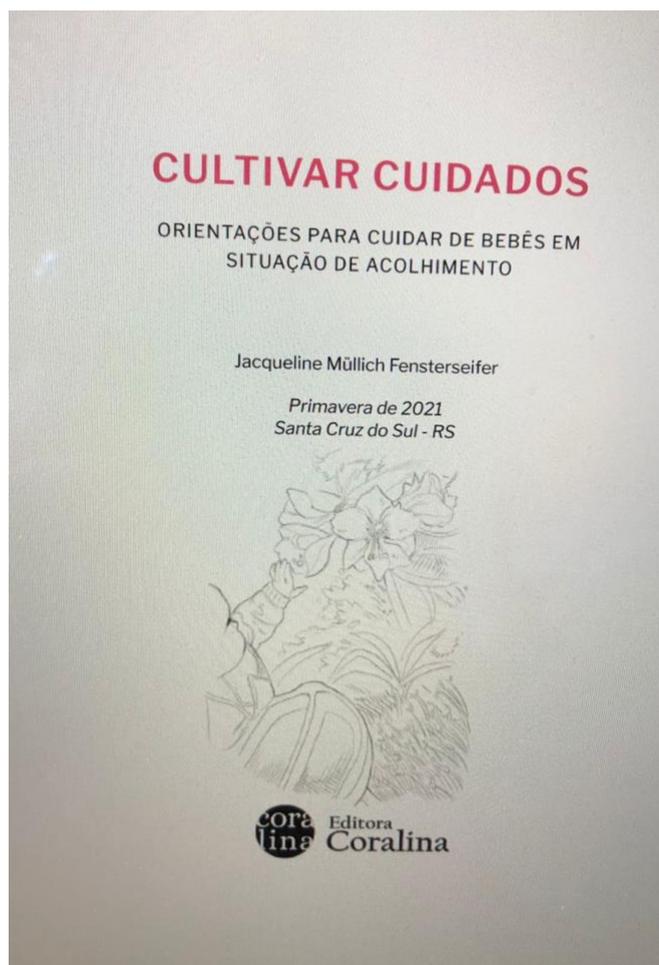
- Estimular as brincadeiras de imaginação;
- Colaborar para que o bebê se sinta o mais tranquilo possível;
- Premiar o bebê diante de pequenas conquistas.

PAIS / CUIDADORES

- Colaborar com seu bebê nos momentos de angústia por separação, consolando-o com palavras sensatas e verdadeiras;
- Incentivar seu bebê a utilizar novas palavras diante de novas situações e oportunidades.

Bebê que recebe amor, diálogo e o espaço, por onde for...

© 2012 JACQUELINE HOLLECK FENDESSEIFFER
ARTO: VALENTINA PEGION

APÊNDICE I - Produto Técnico – Produto de Editoração**E-BOOK: Cultivar cuidados**

Devido a extensão deste arquivo (E-BOOK) ele será enviado em outro anexo.

APÊNDICE J - Produto Técnico

CURSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL CONTINUADA PARA CUIDADORAS DE BEBÊS

1. Identificação do curso

Nome do curso: CURSO de FORMAÇÃO PROFISSIONAL CONTINUADA para CUIDADORAS de BEBÊS

Carga horária / encontros: 20 horas / 10 encontros

Modalidade: Presencial

Público-alvo: CUIDADORAS de BEBÊS em SITUAÇÃO de ACOLHIMENTO

2. Introdução

O interesse por esta temática de cuidados com bebês institucionalizados surge de minha prática clínica como psicóloga. Nesta prática, deparo-me com cuidadoras que relatam seus questionamentos e dúvidas sobre como cuidar melhor desses bebês, e assim colaborar com a constituição psíquica destes sujeitos em desenvolvimento. Estes questionamentos estão relacionados aos comportamentos violentos das crianças, às birras, aos mutismos, aos hospitalismos repetitivos, apatias, choros intermináveis sem motivos aparentes, enfim, às condutas que desestabilizam estas cuidadoras. Essas questões, que se traduzem em inquietações profissionais, encontram respaldo em pesquisas regionais (ATHAYDE, 2002 e LEMOS; SILVA, 2018), que relatam a premência de ações para qualificar estas cuidadoras, e apoio técnico no documento de Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, de Junho de 2009, que, em seu item 3.6.3, prevê a formação continuada,

aliada à melhoria da qualidade do atendimento institucional, visando ao bem-estar das crianças. Cumpre esclarecer que o referido documento foi elaborado pelo Departamento de Proteção Social Especial (SNAS/MDS), apresentado ao Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) e ao Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) para análise, e aprovado em Assembleia conjunta do CNAS e CONANDA, realizada em 18 de junho de 2009.

Assim, aliando uma demanda profissional, a coleta de dados já realizada e o requisito parcial para a conclusão do Mestrado Profissional em Psicologia, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade de Santa Cruz do Sul, apresenta-se este curso de formação profissional continuada.

Pretende-se, dessa forma, qualificar, subsidiar e colaborar com as cuidadoras das instituições de acolhimento de bebês, em seus momentos de cuidados. Afinal estes encontros, além de estarem a serviço do bem-estar físico e psíquico destes bebês, podem ser “marcados por relações afetivas significativas e de qualidade” (LEMOS; SILVA, 2018, p. 173) para ambos.

Partindo desta perspectiva, o presente curso, através de atividades presenciais com as cuidadoras, irá abordar aspectos psíquicos que envolvem a díade cuidadora-bebê, valendo-se do referencial psicanalítico, pois acredita-se que ele contém contribuições indispensáveis. De acordo com Campos, “o advento da psicanálise é o resgate da escuta” (CAMPOS, 2012, p. 97), com possibilidade de compreender a importância do afeto que perpassa a forma como são efetivados estes cuidados.

3. Justificativa

O bebê necessita do outro para organizar seu estado de desamparo. Assim, quando, por algum motivo, a relação que esse bebê estabelecia com a sua mãe é interrompida, e ele é acolhido em uma instituição pública, cabe às

cuidadoras deste local desempenharem esse papel de maneira substitutiva ao da família; assumindo os cuidados dos bebês, estas cuidadoras são de suma importância para o saudável crescimento psíquico e físico.

Diante do exposto, e considerando os dados coletados através das entrevistas com as cuidadoras, das horas de observações realizadas durante o cotidiano destas, e dos quatro momentos de intervenção junto das cuidadoras, justifica-se a importância deste curso para aperfeiçoar os cuidados cotidianos dispensados aos bebês em situação de acolhimento.

4. Objetivos

4.1 Objetivo Geral

4.1.1 Fortalecer as relações interpessoais e de cuidado estabelecidas pela díade cuidadora/bebê na instituição de acolhimento de crianças onde a pesquisa foi realizada.

4.2 Objetivos Específicos

4.2.1 Orientar as práticas de cuidados para com os bebês.

4.2.2 Qualificar as ações das cuidadoras nos momentos de cuidados diários como a troca de fraldas, o banho e a alimentação.

5. Metodologia

O curso será oferecido para profissionais cuidadoras de bebês as quais exercem suas atividades em instituições que acolhem bebês. Para ficar caracterizado o caráter de replicabilidade, esta atividade de capacitação foi organizada para ser oferecida para outras profissionais que exercem suas atividades como cuidadoras de bebês em escolas de educação infantil, sendo realizado de forma presencial.

Os encontros estão organizados em dez módulos, com a duração de duas horas para cada encontro. Ao término de alguns módulos, serão

propostos exercícios para que o conteúdo desenvolvido seja assimilado e, posteriormente, colocado em prática. No final, será realizada uma avaliação composta por algumas perguntas pertinentes aos módulos desenvolvidos e também por um depoimento escrito em que a cuidadora relatará de que forma esses conceitos podem ser aplicados em sua prática profissional.

6. Conteúdo

Módulo	Título	Conteúdo	Dinâmica/Recursos de Ensino
1 Apresentação e Sensibilização	Apresentações	Sensibilização e integração das participantes	Dinâmica do novelo de lã
2 Língua materna	Quem são as cuidadoras?	Lugar objetivo e subjetivo das cuidadoras	Conto "Janela sobre a palavra" (IV) e dinâmica com escrita
3 Cuidados	Cuidados que constroem uma existência	Estar presente e observar	Roda de conversa
4 Subjetividade	Subjetividade uma construção diária	Acolher e cuidar	Aula expositiva dialogada
5 Infância	A infância	Conceito de infância	Aula expositiva dialogada
6 Fases do desenvolvimento	Primeiras descobertas	Desenvolvimento do bebê: 0-3 meses e 3-6 meses e as atitudes das cuidadoras	Aula expositiva dialogada
7 Fases do desenvolvimento	Estranhamento	Desenvolvimento do bebê: 6-9 meses e 9-12 meses e as atitudes das cuidadoras	Roda de conversa

8 Fases do desenvolvimento	Estar só	Desenvolvimento do bebê: 12-18 meses e 18-24 meses e as atitudes das cuidadoras	Roda de conversa
9 Fases do desenvolvimento	Brincadeiras de faz-de-conta	Desenvolvimento do bebê: 24-30 meses e 30-36 meses e as atitudes das cuidadoras	Roda de conversa
10 Avaliação	Avaliação	Avaliação	Conto "Duas Palavras" e avaliação descritiva

OBS: a carga horária do curso poderá ser ampliada conforme as demandas das cuidadoras e da instituição.

7. Avaliação

A avaliação será composta pelas seguintes questões:

1. Essa atividade contribuiu para a melhoria no desempenho das funções de cuidadora? Se, sim, de que forma?
2. Os temas abordados foram pertinentes?
3. Quais as dificuldades sentidas?
4. Escreva um depoimento sobre como o conteúdo passado durante o curso poderá ser aplicado/utilizado por você, cuidadora, em suas atividades profissionais.

8. Certificado

O profissional receberá um certificado de participação, desde que tenha presença de 80% e tenha respondido as questões da avaliação.

9. Referências

ALLENDE, Isabel. **Contos de Eva Luna**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

ATHAYDE, Liselote Menz. **A representação de criança para as cuidadoras da Copame.** 2002. (89 f.) Monografia / Pós-Graduação em Desenvolvimento Infantil - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2002.

CAMPOS, Rosana Onocko. **Clínica: a palavra negada – sobre as práticas clínicas nos serviços substitutivos de saúde mental.** Psicanálise e Saúde Coletiva / Interfaces. São Paulo: Hucitec Editora, 2012. p. 97.

FENSTERSEIFER, Jacqueline Müllich. **Cultivar cuidados: orientações para cuidar de bebês em situação de acolhimento.** Santa Cruz do Sul: Editora Coralina, 2021.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes.** Porto Alegre: L&PM, 1994.

LEMOS, Isabela Cristina. SILVA, Roselaine Berenice Ferreira da. Cuidado de crianças em acolhimento institucional: relações afetivas e dimensão temporal. **PSI UNISC**, Santa Cruz do Sul, v. 3, p. 173-191, jun. 2019.

Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes. Brasília: junho de 2009.